

Eu tenho fé

*em Jesus Cristo e no seu Corpo Místico,
a Santa Mãe Igreja,
impregnada de esperança
e acesa no amor
do Espírito Santo*

* *

*Abraão,
pela sua fé inquebrantável,
cheia de esperança
nas promessas de Iahweh,
Deus o fez
o Pai de todos os crentes*

*

No Sancta Sanctorum...

Mãe

Trindade de la Santa Madre Igreja

MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA
SÁNCHEZ MORENO
Fundadora de A Obra da Igreja

Eu tenho fé
em Jesus Cristo e no seu Corpo Místico,
a Santa Mãe Igreja,
impregnada de esperança
e acesa no amor
do Espírito Santo

* *

Abraão,
pela sua fé inquebrantável,
cheia de esperança
nas promessas de Iahweh,
Deus o fez
o Pai de todos os crentes

*

No Sancta Sanctorum...



Ediciones La Obra de la Iglesia

NOTA.- Podem existir discontinuidades na numeração por causa da eliminação de páginas em branco para esta edição digital.

Título original em espanhol:

"Yo tengo fe"

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 13-6-2007

3ª EDIÇÃO

Separata de livros inéditos da Mãe Trindade de la Santa Madre Iglesia Sánchez Moreno e do livro publicado:

«VIVENCIAS DEL ALMA»

© 2011 LA OBRA DE LA IGLESIA

1ª Edição espanhola: novembro 2004

A OBRA DA IGREJA

ROMA - 00149

Via Vigna due Torri, 90

Tel. 06.551.46.44

MADRID - 28006

C/ Velázquez, 88

Tel. 91.435.41.45

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org

www.laobradelaiglesia.org

www.clerus.org *Santa Sé: Congregação para o Clero*
(Biblioteca - Espiritualidade)

Depósito legal: M. 5.395-2012

EU TENHO FÉ

Eu tenho fé... E creio no único Deus verdadeiro, Aquele que *se é* em si, por si e para si a sua mesma subsistência eterna e suficiência infinita; e no seu Unigênito Filho Jesus Cristo, seu enviado, o Ungido de Iahweh, o esperado das nações, o prometido aos nossos santos Padres e o ansiado pelos Profetas; «Deus de Deus, Luz de Luz», da mesma substância e natureza do Pai e do Espírito Santo.

E por isso, posso dizer com o Apóstolo São Paulo: «Estou pregado na cruz de Cristo. Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim»¹.

Eu tenho fé... E «creio no Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho, e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado»².

Um só Deus e três pessoas, iguais no seu ser e distintas nas suas pessoas.

E a minha vida de fé, cheia de esperança e acesa no amor, faz-me conhecer, penetrar e saborear esta inefável, maravilhosa e transcen-

¹ Gl 2, 19-20.

² Símbolo Niceno.

dente realidade, princípio e fundamento dessa mesma fé que possuo, e luz que esclarece todos os mistérios que ela contém, e que a mim foram manifestados em sabedoria amorosa, especialmente desde o dia 18 de março de 1959, para que os comunique, com o mandato de: «Vai e dize-o...!»; «Isto é para todos...!».

«Eu sei que Deus *se é* —escrevia aos 23 de janeiro de 1960—.

E o sei, sem saber, no seu eterno entender; ainda que o que eu sei, Deus é, por ter-me medido no seu mesmo saber, e no seu entender o sei.

E ainda que o que eu sei, Deus é, infinitamente fico sem saber o que Deus é, em seu *ser-se* ser; mas, só saber que meu Deus *se é*, deixa-me enamorada de amor por Aquele que É...

E que fortemente afiançou-se a minha fé ao saber que Deus é...!, porque esta é a raiz da nossa fé: o saber que Deus *se é* e como *se o é* e o porquê *se o é*.

E se eu conheço os dogmas sem saber que Deus *se é*, e que Deus tem seu ser em si mesmo, tudo cambaleia, porque a razão da minha fé está em que Deus *se é*».

«Se meu Deus não *se fosse*, nada seria, porque n'Ele e por Ele, por seu ser, “no Verbo foram feitas todas as coisas”³, por e sob o impulso do Espírito Santo».

³ Cl 1, 16.

Deus mesmo, por um plano da sua infinita vontade sobre mim, inúmeras vezes levou-me ao seu seio, por ser Igreja Católica, Apostólica e cimentada sob a Sé de Pedro, para que saísse cantando a todos, na minha missão de Eco da Igreja, a riqueza essencial da nossa vida de fé, recebida desta Santa Mãe.

Por isso, no dia 6 de abril de 1959, como em tantos outros dias daquele mês, e do mês anterior e outros meses consecutivos, diante da contemplação do seu mistério, com força irresistível, fazia-me exclamar:

«O ser de Deus..., esse terrível ser de Deus, tão infinito e terrível, numa majestade soberana, numa terribilidade terrível, numa imensidade esmagadora...; esse ser tão infinito e terrível!, é por essência paz..., quietude..., silêncio... Toda a eternidade num silêncio inalterável..., numa quietude incompreensível para nós...!

Toda a vida de Deus é um ato; um ato de ser infinito, fecundo!; e tão infinitamente fecundo e infinito, que o Pai contempla-se num silêncio silenciosamente terrível... E o Verbo, que é a Canção jubilosa e amorosa do infinito Ser, sai, sem sair, do seio do Pai, e canta-lhe, num grito de ser, todo o ser terrível, imenso e fecundo, numa só e silenciosa Palavra: uma só Palavra que é todo o ser em Expressão... Sim, uma só e silenciosa Palavra, uma só e amorosa Palavra, uma só e inexplicável Palavra... Inexplicável para nós, mas para Deus explica sem nenhum ruído e num ato todo o ser infi-

nito e acabado do Pai... É a Expressão adequada que expressa, em expressão perfeita e infinita, todo o ser sem princípio e sem fim.

Este Pai tão fecundo, tão silencioso, tão amoroso, que se contempla numa contemplação sem fim e sem princípio, diz-se num só ato todo o seu ser inacabável, numa só Palavra que sai d'Ele de tanto ser fecundo... E essa Palavra é o Verbo, única Expressão adequada de Deus no seu ser e nas suas pessoas.

O Espírito Santo tem que proceder do Pai e do Verbo, porque não há nada em Deus Pai que não haja no Deus Filho; e o Espírito Santo é o Amor pessoal que, rebentando num amor silencioso do seio do Pai e do Verbo, sai do Pai como ser amoroso amando o Verbo, e do Verbo como ser amoroso amando o Pai... O Espírito Santo é o Amor que, rebentando, sai do Pai e do Filho em Pessoa-Amor.

Não há mais que uma vida em três pessoas, um só ser que os Três possuem igualmente. Nenhum dos Três tem mais ou menos, ou é mais ou menos o seu ser. Nenhum dos três é antes ou depois. O Espírito Santo não é depois do Verbo ou do Pai. É o Amor, o Amor do Pai e do Verbo, que não é antes nem depois. Deus é um ato puríssimo e infinito, e tão perfeito e fecundo, que é toda a vida interminável e fecunda da adorável Trindade. Não há mais que um Deus que, num só momento eterno, contempla-se, canta e ama. Um Deus que, por ser Deus, não pode ser de outra maneira. Sim, a

vida de Deus..., a única vida...! Tudo o que não é Deus é morte...».

«E que gozo...! E que alegria...! Como o vejo...! Que gozo tem Deus por *ser-se* Ele em si mesmo Canção de júbilo eterno...! Que gozo tem a minha alma de ver Deus como é...! Que gozo...! Que gozo...!».

«Melodias sacras são os atributos que, no seu *ser-se* eterno, Deus mesmo *se é*, e n'Ele são romances que vão prorrompendo como em cataratas de imenso poder.

Sabe do Mistério minha alma adorante..., escuta as notas do *Ser-se* no seu ser..., porque, entrando dentro dos seus Mananciais, soube, em sapienciais maneiras de ver, como surge o Verbo do seio do Pai, qual Palavra eterna no seu amanhecer».

23-12-1975

E o conhecimento que me dá a minha fé, esclarecida pelos frutos, dons e carismas que o Espírito Santo doou à sua Igreja, leva-me a participar da mesma vida de Deus; podendo chamar o Deus três vezes Santo, o Deus altíssimo e inacessível de infinita majestade: «meu Pai Deus», que arde em necessidade de introduzir os seus filhos no seu seio de Pai, como Ele mesmo imprimia-o com fogo na minha alma e eu expressava como podia, com as minhas pobres e limitadas expressões, no dia 25 de março daquele ano de 1959:

«Deus quer ser conhecido e amado pelos seus filhos... Deus quer que entremos no seu seio, para que conheçamos o ser amoroso e quentinho do nosso Pai Deus...!».

«Deus é terrivelmente infinito... Deus é um fogo carinhoso que é paternidade infinita. Deus é Pai que quer pegar todas as almas e colocá-las no seu seio...! E para isto o Verbo se fez Homem: para cantar-nos a sua Canção e dar-nos o amor infinito que arde no seio da Trindade...

[...] ⁴ Quando falo da Trindade necessito dizer a todos que Deus não é um Deus estático, de pedra; Deus *se é* a Vida rebentando em ser, em perfeições, em riquezas, em beleza, em atividade familiar de Lar lareiro e infinito, em infinitude infinita de alegria eterna..., em..., em...

[...] Que grande é Deus...!, que jubiloso...!, que Pai...!, que amor...!, que concerto de harmonias cantado pelo Verbo na sua só e eterna Voz em expressão de fecundidade...!

Todos temos que ser palavra com Cristo que cante a sua Canção eterna, porque somos Igreja... A minha vocação, dentro do seio desta Santa Mãe, é colocar todos os filhos de Deus no seio quentinho da nossa Família Divina... Que estouro de perfeições infinitas são os meus Três...! Que terrível é Deus em plenitude de vida...! Eu o vejo!, e não o posso dizer... Mas o meu gozo está em sabê-lo tão rico

⁴ Com este signo indica-se a supressão de trechos mais ou menos amplos que não se julga oportuno publicar em vida da autora.

o meu Pai, ainda que eu não o possua na sua Luz gozosa...».

«Meu Deus, que eu necessito cantar-te..., cantar-te..., cantar-te até que morra de tanto querer-te cantar sem saber...! Morro porque necessito cantar-te a todas as almas... Cantar-te..., cantar-te sem parar...!

Que todos saibam que Deus é amor! Que Deus é amor...! Que Deus é amor...! Amor infinito...! Que Deus é amor!!!».

«Que todos inteirem-se que Deus é amor!!! Amor que se abrasa em desejos de comunicar-se às almas... Que Deus é amor infinito...! Que venham todas as almas ao regaço quentinho do Pai-Amor!!!».

«Que ninguém se assuste de Deus...! Que ninguém treme de um Deus que morreu na cruz por amor...! Que aproximem-se ao seio quentinho do Pai...! Que vão à fonte da Vida, que está na Eucaristia...! Que vão as almas e comam o Verbo feito carne!, que se comem o Verbo Encarnado, feito Pão por amor, viverão da vida eterna no seio de Deus... Porque aonde está o Verbo, está o Pai e o Espírito Santo. E no nosso seio pequenino e no nosso ser pequenino, no interior da nossa alma, está Deus, se estamos em graça...».

«Por que me beija o Deus vivo...?
Por que acaricia a minha alma...?
Por que me abrasa nos seus fogos,
onde o seu vulcão em brasas...?»

Por que tão fundo o sinto
em melodias sagradas,
dizendo-me, com o seu estilo,
isso que Ele vive na sua entranha...?

Silêncio!, que Deus me beija
de forma tão delicada,
que, em Divindade, imprime-se
dizendo-me a sua Palavra».

28-5-1975

«Voga, filho querido, voga Mar adentro...!
Perde-te na profundidade da sua imensidade;
emba-la-te nas ondas do Ser Infinito;
o amor intui a sua profundidade.

Busca-o no fundo
daquela riqueza sem par;
contempla, no seu abismo, os seus grandes
Oceanos;
segue submergindo a tua capacidade.

Não temas, se sentes que perdes
teu modo de atuar;
estende as asas das tuas esperanças,
Deus mesmo é a fonte da sua imensidade!

Segue, sim, a tua carreira, não pares;
que, no final, acharás
o que busca teu peito sedento,
e então verás
o segredo que encerra o Deus vivo
na sua imensidade...».

11-1-1974

*

Eu tenho fé... E hoje, 28 de setembro do ano de 2001, antes do amanhecer e juntinho ao Sacrário, com a janelinha da capela aberta para a minha habitação para poder viver mais pertinho de Jesus Sacramentado nos meus longos e prolongados tempos de oração, e na casa do Senhor durante toda a minha vida;

ao começar a oração da manhã com o meu:

«Obrigada, Jesus, por teres ficado na Eucaristia!; eu te adoro!

Obrigada, Jesus, por teres ficado na Eucaristia!; eu te amo!»;

meu espírito, sentindo-se profundamente impregnado e cheio do saboreamento da presença de Jesus Sacramentado, foi-se afundando cada vez mais no mistério profundíssimo da Santa Mãe Igreja.

A qual, por meio da fé cheia de esperança e repleta do amor do Espírito Santo, com a doação dos seus dons e frutos, derrama-se-nos aos que, feitos uno com a vontade do Pai e sob o impulso e o amor do Espírito Santo, cremos e abraçamos tudo quanto Cristo, o Filho de Deus Encarnado, da mesma natureza e substância do Pai e do Espírito Santo, depositou no seu seio de Mãe, quando a fundou;

encomendando-a aos seus Apóstolos e ao pastoreio da sua perpetuação durante todos os tempos nos seus Sucessores; cimentando-a sobre eles, fazendo-os as Colunas do Novo Templo de Deus, «erigido pelo Senhor e não por homens»⁵,

⁵ Hb 8, 2.

que têm que conduzir a Igreja erguida e valorosamente; Nova e Celestial Jerusalém que, qual «torre fortificada», tem em suas tēmporas coroadas, como real Cabeça, «Cristo, e Este crucificado»⁶, que ressuscitou no terceiro dia;

e que, mediante o fruto da sua Redenção e a sua ressurreição gloriosa, abriu com as suas cinco chagas as portas suntuosas e espaçosas da Eternidade, fechadas pelo pecado dos nossos Primeiros Pais; ressuscitando-nos para uma vida nova e libertando-nos do pecado e da morte eterna como troféu de glória; Triunfador da vida e da morte.

Eu tenho fé... E por isso creio firmemente que Cristo encheu a Igreja dos seus poderes divinos por meio dos Sacramentos; mediante os quais, o homem é capaz de levantar a si mesmo e levantar, pelos méritos do Sangue redentor do Divino Crucificado, os homens caídos, enxertando-os pelo Sacramento do Batismo, como os sarmentos na videira, em Cristo, e por Ele, com Ele e n'Ele, com o Pai e o Espírito Santo:

«Os onze discípulos foram para a Galiléia, ao monte que Jesus lhes tinha indicado. Logo que o viram prostraram-se; alguns, porém, duvidaram. Então Jesus se aproximou e lhes disse: “Toda a autoridade me foi dada no Céu e na terra. Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar

⁶ 1 Cor 2, 2.

tudo quanto vos mandei. Eis que ‘Eu-estou-con-vosco’, todos os dias, até o fim do mundo”»⁷;

fazendo dos que creiam, pelo Sacramento do Batismo, templos vivos de Deus, moradas do Altíssimo e partícipes da vida divina; aqui em fé, e no amanhã da Eternidade em gozo gloriosíssimo e ditosíssimo, vivendo em participação, pela vida da graça que nos faz filhos de Deus e herdeiros da sua glória, da mesma vida que Deus vive na sua intercomunicação trinitária de Família Divina, em companhia de todos os Bem-aventurados e Anjos de Deus, entoando em hino de glória: «Só Vós sois o Santo, só Vós, o Senhor, só Vós, o Altíssimo, Jesus Cristo»⁸; único capaz de abrir o livro dos sete selos; a quem seja dado todo o poder, honra e glória pelos séculos dos séculos:

«E vi um Cordeiro. Estava no centro do trono e dos quatro seres vivos, no meio dos anciãos. Estava de pé como que imolado. O Cordeiro tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus, enviados por toda a terra.

Então, o Cordeiro veio receber o livro da mão direita d’Aquele que está sentado no trono. Quando Ele recebeu o livro, os quatro seres e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro. Todos tinham harpas e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos Santos.

E entoaram um cântico novo: “Tu és digno de receber o livro e abrir seus selos, porque fos-

⁷ Mt 28, 16-20.

⁸ Hino do Glória.

te imolado, e com teu Sangue adquiriste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação. Deles fizeste para o nosso Deus um reino de sacerdotes. E eles reinarão sobre a terra”»⁹.

Eu tenho fé, e por isso creio que, por meio do meu Batismo, sou filha da Santa Mãe Igreja, a Nova Sião, e, feita una com meus Bispos queridos e sob a Sé de Pedro, nela, por Cristo, com Ele e n’Ele, sou filha de Deus, partícipe da vida divina e herdeira da sua glória.

«É a Igreja –escrevia aos 13 de setembro de 1963– a que, mediante o Batismo, enche a capacidade que Deus pôs em ti para ser seu filho. É o Batismo a porta que te introduz no seio do teu Pai Deus e te faz partícipe da Família Divina, mediante a unção da Divindade, que, ao cair sobre ti, faz-te ter um sacerdócio místico, recebido do Sumo e Eterno Sacerdote, e que, pela tua filiação divina, tens que viver na sua máxima perfeição.

Se soubesses, [...] o grande mistério que a Divindade comunica-te o dia em que, por meio da Igreja, passas a ser filho de Deus e herdeiro da sua glória...! A Trindade eterna, na sua virgindade oculta e misteriosa, derrama-se para ti, de forma que as três divinas Pessoas, morando no teu interior, são o Eterno Vivente na tua alma pequenina de cristão».

«Mediante o Batismo, tu passas a ser filho de Deus e entras numa comunicação familiar com

⁹ Ap 5, 6-10.

o Eterno Vivente, dentro de ti, nos seus Três; és ungido com um sacerdócio místico, mas vivo, que te faz ser, com Cristo, mediador, intercessor e comunicador da vida divina aos homens».

«Filho de Deus...! Não sei [...] se penetraste alguma vez o que o Verbo, o Unigênito do Pai, faz no seio da Trindade. Não sei se sabes o que é ser filho de Deus, porque para sabê-lo deve-se penetrar no mistério grande da Família Divina, saber o que faz o Pai amando o Filho, olhar o que faz o Filho amando o Pai, em tal fusão amorosa, em tal amor coeterno, tão estreito e tão infinito, que um só amor os Dois têm; que em união estreitíssima, por perfeição do seu mesmo amor unitivo, o Pai e o Filho, no seu abraço apertado, vivem em comunhão com o Espírito Santo, Amor pessoal da união perfeita e amorosa de ambos. Tanto, tanto, tanto...!, tão estreito e tão profundo é o abraço simultâneo e profundo, íntimo e saboroso, que se dão as minhas divinas Pessoas no seu amor paternal e filial, que o Fruto saboroso, amoroso e perfeito desse amor é uma Pessoa tão perfeita, eterna e infinita como o amor que se têm o Pai e o Verbo.

Assim ama Deus no seu seio; assim ama-se Deus na sua entranha; assim ama o Pai o seu Filho; assim ama o Verbo o Pai, assim ama Deus...!, sendo tão perfeito no seu Amor, como é Pai e é Filho. Deus *se é* Três no seu seio para ser feliz, perfeito e fecundo como Ele, no seu ser e nas suas pessoas, necessita e merece».

«É a Igreja quem, com coração de Mãe, colocou-te a participar no segredo fundo, na me-

dula profunda do teu Pai Deus. Chama Deus Pai!, e assim vive o que és».

«Não há vocação como a tua vocação, não há chamamento como o teu, não há predileção tão grande como a que o Eterno teve contigo no dia em que, por meio da tua Igreja Católica, Apostólica, e sob a Sé de Pedro, fez-te filho seu e incorporou-te no grande mistério do Cristo Total».

«Tudo o que Deus tem por natureza, tu o tens por presente gratuito que, através da tua Igreja, Ele te deu para que o vivas em participação plena e felicíssima como verdadeiro filho».

«Todos os dons que o Senhor derrame durante toda a tua vida sobre a tua alma são secundários, consequência deste e com relação a ele. É este que te fez filho do Infinito, que te adaptou ao plano divino; já que, desadaptado pelo pecado original, não podias entrar na região dos filhos de Deus.

Maria, tua nova Mãe, a Eva salvadora, é o meio que Deus escolheu para dar-se para a tua alma, por Cristo, com coração de Mãe e amor de Espírito Santo.

Tudo são presentes para o filho de Deus! A mesma Igreja, Cristo e Maria são presentes que o Amor Infinito deu à tua alma para que, por eles, pudesses entrar a participar do festim infinito e gozoso do teu Pai Deus».

«Na profundidade do meu peito
tenho quem ama minha alma,

escondido trás minhas noites,
dizendo-me sua Palavra.

Quando me olham seus olhos,
meu espírito rompe em brasas,
pois são candentes os lumes
que do seu olhar dimanam.

Tenho na profundeza do peito
tudo quanto eu sonhara,
porque é o Tudo quem encerro,
escondido na minha câmara.

Ele me pede meus amores
e em seus amores me abrasa,
vivendo em festim de dons
entre o Excelso e o nada.

Mistério dos mistérios...!,
cubra o silêncio minhas ânsias!,
porque Deus mesmo, em seu *ser-se*,
é quanto oculto em minha entranha.

Silêncio!, que Deus me beija
em sua maneira sagrada,
do modo que Ele só sabe
fazê-lo com os que ama.

Por isso, calem as vozes
que minhas vivências profanam!,
pois é Deus mesmo vivente
que, qual Esposo, me abraça.

Ele é todos meus afãs,
plenitude de minhas saudades.
Silêncio, que Deus me beija...!
Deixai repousar minha alma...!».

28-10-1975

Eu tenho fé viva, e por isso creio que a Santa Mãe Igreja recebeu o poder, dado por Cristo, através dos seus sacerdotes e ministros, de lavar e perdoar os pecados pelo Sangue do Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Poderes que correspondem intrinsecamente só a Deus.

Pelo que os escribas e fariseus, obscurecidos pela obstinação e a soberba, diziam, quando Jesus perdoava os pecados, não reconhecendo n'Ele o Unigênito de Deus Encarnado e feito homem por amor, que só Deus podia perdoar pecados; manifestando desta maneira, ainda que obstinadamente e sem querê-lo reconhecer, que Cristo era Deus e podia perdoar os pecados.

«Alguns dias depois, Jesus entrou de novo em Cafarnaum. Logo se espalhou a notícia de que Ele estava em casa. E reuniram-se ali tantas pessoas, que já não havia lugar, nem mesmo diante da porta. E Jesus anunciava-lhes a Palavra. Trouxeram-lhe, então, um parálítico, carregado por quatro homens. Mas não conseguindo chegar até Jesus, por causa da multidão, abriram então o teto, bem em cima do lugar onde Ele se encontrava. Por essa abertura desceram a cama em que o parálítico estava deitado.

Quando viu a fé daqueles homens, Jesus disse ao parálítico: “Filho, os teus pecados estão perdoados”.

Ora, alguns mestres da lei, que estavam ali sentados, refletiam em seus corações: “Como

este homem pode falar assim? Ele está blasfemando: ninguém pode perdoar pecados, a não ser Deus”. Jesus percebeu logo o que eles estavam pensando no seu íntimo e disse: “Por que pensais assim em vossos corações? O que é mais fácil: dizer ao paralítico: ‘Os teus pecados estão perdoados’ ou dizer: ‘Levanta-te, pega a tua cama e anda’? Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem, na terra, poder de perdoar pecados, –disse ao paralítico:– Eu te ordeno: levanta-te, pega tua cama, e vai para tua casa!”

O paralítico então se levantou e, carregando a sua cama, saiu diante de todos. E ficaram todos admirados e louvavam a Deus, dizendo: “Nunca vimos uma coisa assim”»¹⁰.

Poderes que Jesus, sendo Deus mesmo pela sua pessoa divina, doou à sua Igreja, depositando-os nela em e por meio dos Apóstolos, e dando-os, por eles, aos seus Sucessores durante todos os tempos.

«“Como o Pai me enviou, assim também Eu vos envio”.

Após essas palavras, soprou sobre eles e disse: “Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados serão perdoados. A quem não perdoardes os pecados não serão perdoados”»¹¹.

Dom inimaginável do Infinito Ser derramando-se em compaixão misericordiosa sobre o ho-

¹⁰ Mc 2, 1-12.

¹¹ Jo 20, 21-23.

mem arrependido que, volvendo-se para o seu Criador, implora o perdão dos seus pecados, com espírito humilhado e coração contrito!

Porque a alma que por meio do Batismo ficou como um espelho sem mancha, ao ofender a Deus e rebelar-se contra Ele pelo pecado, opondo-se à sua vontade infinita, em vez da imagem de Deus que tinha gravada em si como a fogo, ao desaparecer dela o infinito Criador, ficou escurecida, manchada e tão desfigurada, que é como um monstro completamente deforme e abominável, de maneira que, se contemplássemos uma alma em pecado mortal, morreríamos de espanto.

Mas o poder que Cristo deu à sua Igreja por meio dos seus Apóstolos e pela Unção sagrada do sacerdote do Novo Testamento é tão grande e sublime, que, pelo Sacramento da Penitência, este expulsa da alma o diabo, que entrou para tomar posse dela; deixando-a limpíssima e mais luminosa que o sol; aparecendo de novo, no resplendor do espelho do seu espírito, o mesmo Deus que, morando nela, a faz ser novamente templo vivo de Deus e morada do Altíssimo.

Eu tenho fé inquebrantável. E por isto, quando vou buscar no Sacramento da Penitência — recebo-o — limpar e purificar a minha alma de tudo aquilo que tenha podido desagradar a Deus ou que não esteja completamente conforme com o que Ele me exige, segundo a sua divina vontade sobre mim;

diante das palavras do sacerdote: «Eu te absolvo dos teus pecados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo»¹², experimento que estas palavras são pronunciadas por Jesus sobre a minha pobrezinha alma, arrependida por ter ofendido a Deus, e atuam o que dizem, por meio dos poderes que Cristo deu ao sacerdote do Novo Testamento, ao exercer o seu ministério sacerdotal.

Pelo que o meu espírito enche-se de paz e gozo do Espírito Santo; e, vigorosamente, sinto-me purificada e renovada, com um novo impulso para começar de novo e seguir buscando a vontade de Deus em tudo e sempre, para podê-la cumprir o mais perfeitamente que esteja ao meu alcance.

E de tal forma é isto, que me experimento como uma criatura nova que, sob a luz do Sacramento, até parece-me que esta terra é mais formosa pela brilhantez da sua luminosa clareza, e que tudo é mais brilhante; impulsioando-me tudo isto com uma nova força do Alto na minha busca incansável e insaciável de dar glória a Deus e vida às almas.



Eu tenho fé... E creio assim mesmo que, para que nada faltasse aos Apóstolos na missão salvadora que, sobre a humanidade caída, o Divino Mestre lhes encomendou, Cristo, em Pentecostes, fez recair sobre eles em compa-

¹² Fórmula do Sacramento da Penitência.

nhia de Maria, Mãe sacerdotal, os dons, frutos e carismas do mesmo Espírito Santo; que se nos dá por meio da Confirmação para o fortalecimento e robustecimento da nossa vida de fé, esperança e caridade.

«Mas recebereis uma força, o Espírito Santo que virá sobre vós; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, até os confins da terra».

«Quando chegou o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente veio do céu um ruído, como de um vento impetuoso, que encheu toda a casa em que estavam sentados. E viram, então, uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e foram pousar sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia»¹³.

«Quando os Apóstolos, que estavam em Jerusalém, ouviram que a Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Estes, assim que chegaram, fizeram uma oração pelos novos fiéis a fim de receberem o Espírito Santo, visto que ainda não havia descido sobre nenhum deles. Tinham sido somente batizados em nome do Senhor Jesus. Então, os dois apóstolos lhes impuseram as mãos e eles receberam o Espírito Santo»¹⁴.

E assim, Jesus, mediante os Sacramentos, vai derramando em e por meio da Santa Mãe Igreja,

¹³ At 1, 8; 2, 1-4.

¹⁴ At 8, 14-17.

através dos Apóstolos, sobre os cristãos, tudo aquilo que, para o robustecimento da sua fé, necessitam dentro do Corpo Místico de Jesus Cristo e como membros deste Corpo, para serem fiéis às promessas do Batismo e serem no meio do mundo testemunhas vivas por sua vida e sua palavra do que é ser filho de Deus e, por isto, Igreja Católica e Apostólica, que, sob a Sé de Pedro, caminhamos unidos para o além sob o abrigo e o amparo da Maternidade de Maria, em cumprimento perfeito dos planos de quem nos criou só e exclusivamente para que o possuíssemos.

E a minha alma, tendo recebido o Espírito Santo, repleta-se, saboreia e apercebe os seus dons e frutos; de forma que, pelo dom da sabedoria, Deus ilumina o meu entendimento saborosissimamente, introduz-me no seu pensamento divino, e, mostrando-me os seus mistérios, manifesta-me a sua vontade, cheia de planos eternos; capacitando-me para que realize quanto Ele quer, enviando-me a comunicá-los, cumprindo a minha vocação como Eco da Santa Mãe Igreja que, em proclamação desta Santa Mãe, tem que expressar e dizer quanto, de tão distintas e diversas maneiras, Deus lhe mostra sob o néctar saborosíssimo da sua Divindade ou no saboreamento profundo, íntimo e sacrossanto da cruz, que me leva a abraçar-me a «Cristo e Este crucificado».

E quero transcrever aqui alguns trechos dos meus escritos para manifestar o esplendor da glória de Deus quando atua na alma pelos dons e frutos do Espírito Santo:

«E no dia 29 de janeiro de 1960, Deus de novo introduziu-me no mistério da sua vida, pondo no meu espírito urgências indizíveis de amá-lo, por participação, com o mesmo amor com que Ele se ama, abrasada nas chamas letificantes e amorosas do mesmo Espírito Santo».

«E desde este dia, [...] minha alma sentiu-se como invadida de uma maneira especial pela presença e a ação do Espírito Santo; participando do seu amor, e apercebendo o seu toque amoroso na medula do meu espírito.

Abrasada no seu fogo e acesa nas suas refrigerantes chamas, unida ao meu Esposo divino, podia desabafar a necessidade, como infinita, que me consumia, de amar as divinas Pessoas.

“Assim como outras vezes senti mais claramente o Pai ou o Filho, agora é o Espírito Santo quem, atuando em mim, tem-me acesa nas suas chamas e abrasada no seu amor, que me impulsiona a entrar, com Ele, no Seio do Pai, para viver ali a vida divina; sentindo-me, por transformação, amor que ama com o Espírito Santo ao mesmo Deus no seu ser e nas suas pessoas.

E isto experimento-o com tal força, que, arbatada e subjugada pelo Amor Infinito, quase não consigo saber se o que eu experimento é o Espírito Santo amando em mim, ou eu que amo com o Espírito Santo.

Ele é “o meu meu”, e eu sou “a sua sua”. E, nesta comunicação de amor, o seu amor infinito é o amor com o qual, no seu seio e no

meu, eu me sinto amar e lanço-me a amá-lo. Pelo que, nos meus tempos de oração é tanto o que Deus atua em meu ser, que, toda roubada por Ele, sinto-me amor com o seu amor para amá-lo.

Meu Espírito Santo!, se eu não te tivesse conhecido, e não soubesse que Tu és o Amor Infinito com o qual se amam o Pai e o Filho, talvez agora, ao experimentar tão fortemente o teu amor na minha alma, poderia separar-te das outras divinas Pessoas.

Mas, porque te conheço e sei que Tu és o Amor com que o Pai, o Filho e Tu mesmo vos amais, sei que, ao experimentar teu amor tão doce, terna e espiritualmente, é a experiência do Pai e do Verbo que me estão beijando em Ti; e com o mesmo amor que eu em Ti deposito, ao mesmo tempo que Eles me amam, eu os amo no seu seio.

Sinto o sussurro arrulhador e silencioso da investida contínua do Espírito Santo sobre a minha alma, beijando-me; e, ao beijar-me Ele, vejo que é o Pai e o Verbo os que me estão amando com o seu Amor espiritualmente amoroso e infinito, que é o Espírito Santo.

E noto que a minha alma, no arrulho acariciador da Boca da Trindade, está embalada..., querida..., festejada..., engalanada..., enjojada...; e todas as jóias que tem é participação de Deus.

Sinto que sou dona das três divinas Pessoas. As três são minhas, e cada uma, e eu sou quem mando:

O Espírito Santo é meu, o Pai é meu, e o Verbo é meu... São “os meus meus”...!, totalmente para mim...!

O que eu quero, Deus o quer; o que eu digo, Ele faz. E noto que isto acontece porque o meu querer é o seu atuar divino pondo o seu querer na minha alma”».

«[...] E no dia 31 de janeiro de 1960, afundada e aprofundada no mistério trinitário, inundada nas refrigerantes chamas do Espírito Santo, sentindo-me fogo no seu Fogo, amor no seu Amor, e beijo de pura transformação no seu *ser-se* beijo o Amor eterno em Deus; derretida de amor na investida infinita, amorosa, silenciosa, saborosíssima e de suavidade inimaginável do mesmo néctar da Divindade; prorrompia nos meus poemas amorosos, expressando, unida ao Verbo Infinito, a inefável excelência do Amor eterno e a sua atuação em toque doce..., fino..., penetrante e misterioso na medula da alma:

“Ó, Deus trinitário!, tão bom...!; eu necessito, metida no teu seio, olhar-te em tua Vista, cantar-te no teu Verbo, beijar-te na tua Boca e amar-te no teu Fogo...!

Eu necessito, com ânsias eternas, olhar-te sem véus!, cantar-te no teu Canto, amar-te no teu Fogo...!

Eu necessito, meu doce Amor bom, cantar-te às almas no teu seio...!

Tu necessitas, meu doce Amor bom, dizer-te às almas no meu seio...!

Eu sou pequena e não posso...! E a minha entranha abraça-se no teu Fogo...! E toda acesa no teu Beijo, tão lento..., tão doce..., tão terno...!, e em tanto silêncio...!, que nem chorar posso.

Espírito meu...! Inenarrável Gemido no meu seio...!; com vozes eternas, enclaustrado, em silêncio, me beijas...!, te beijo...! E o teu Beijo é tão bom...!, tão fino...!, tão doce...!, tão profundo...!, tão dentro e eterno!, que, no meu ser finito, não posso...!

Ó Chama que queimas em terno silêncio, no centro da alma em teu suave fogo...!; neste morrer de amor pelo Deus bom!, neste beijar-me meu Deus, no seu seio...!, meu ser pequenino não pode, não sabe, não entende tão estranho beijo...! Estranho de amor...!, estranho de bom...!, que, ao beijar minha entranha, toda me estremeço...

Ai que Beijo é Deus de eterno mistério, que beijando a alma, fere-a no seu centro, qual doce cautério...! Ai que Deus mais profundo no seu eterno Beijo..., no seu *ser-se* Vida..., no seu *ser-se* eterno...!

Ó Amor...!, meu Amor bom...!, que toda tremendo no meu ser pelo ímpeto eterno do teu, sinto-me embalada, beijada e querida no teu Beijo de eterno silêncio...!

Ai que amor é Deus de excelso mistério...! Meu Espírito...!, no teu eterno silêncio de *ser-te* meu beijo, beijando minha alma no teu ínti-

mo beijo, toda estremecida..., toda comovida..., sinto-me, no teu seio, teu seio”».

Pelos dons do Espírito Santo e seus frutos, a minha *alma-Igreja* Católica e Apostólica, cimentada sob a Sé de Pedro, apercebe-se e sente-se esposa do Espírito Santo;

mediante o qual, Ele fecunda a minha virgindade, dando-me filhos para a sua glória e fazendo-me exclamar na minha ânsia insaciável de glorificar o Infinito, enaltecida por Ele e cheia de gozo no mesmo Espírito Santo:

Glória para Deus! Só isso! O resto não importa!

«Ai brisa calada
de ténues acentos...!
Mistérios silentes...,
profundos segredos...!

Deus passa beijando
em brechas de fogo;
meu espírito adora,
envolto entre véus,
o Ser Infinito
em passo de Imenso.

Sonoros romances...,
divinos concertos...,
amores vizinhos...,
inérito anelo...

Deus beija e espera
em profundo silêncio,
e em fruto de filhos
prorrompe meu peito,

os quais são glória
para o Coeterno.

Melodias doces...,
vizinhos encontros...!».

2-10-1974

Deus põe as suas palavras na minha boca, e eu expresso como posso, na limitação do meu nada e sob a força do seu ímpeto e o saboreamento do néctar da Divindade, as palavras e os mandatos que, mediante as suas comunicações, Aquele que É envia-me para que os manifeste.

O Espírito Santo é o meu meu e eu sou a sua sua; enquanto que, sob o impulso e a força do seu infinito poderio, realizo tudo o que Deus põe no mais profundo da medula do meu espírito para que se cumpra, mediante a proclamação das suas palavras postas no meu coração.

*

Eu tenho fé; e creio que, renovados pelo Batismo, a fé aproxima-nos do Sacramento da Penitência, pelo qual, a purificação dos nossos pecados faz-nos capazes de aproximar-nos ao sublime Sacramento da Eucaristia, instituído pelo mesmo Cristo na noite da Ceia, quando, amando os seus, e por eles todos os que recebemos os seus dons eternos, «amou-nos até o extremo» e até o fim:

«Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo-o abençoado, partiu-o e, distribuindo-o aos discípulos, disse: “Tomai e comei, isto é o meu Corpo”. Depois, tomou um cálice e, dan-

do graças, deu-o a eles dizendo: “Bebei dele todos, pois isto é o meu Sangue, o Sangue da Aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados”»¹⁵;

concedendo-nos por isto a vida eterna:

«Eu sou o Pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o Pão que desce do Céu, para que não morra quem dele comer. Eu sou o Pão vivo descido do Céu. Se alguém comer deste Pão viverá para sempre. E o Pão que Eu darei é minha Carne para a vida do mundo»¹⁶.

E também sei, pela minha vida de fé, que há que aproximar-se dignamente a receber o Corpo de Cristo:

«Assim, pois, quem come o pão ou bebe o cálice do Senhor indignamente será réu do Corpo e do Sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo e então coma do Pão e beba do Cálice; pois aquele que, sem discernir o Corpo do Senhor, come e bebe, come e bebe sua própria condenação»¹⁷.

E porque tenho fé e creio com toda a força do meu espírito e a veemência do meu coração nas palavras de Jesus Cristo, cheia e repleta dos seus infinitos dons; meu espírito, penetrado pela coeterna e insondável sabedoria divina, experimenta que as palavras pronunciadas por Jesus na Última Ceia, atuando em mim o

¹⁵ Mt 26, 26-28.

¹⁶ Jo 6, 48-51.

¹⁷ 1 Cor 11, 27-29.

que dizem, vão-me transformando de claridade em claridade em todas as suas pronúncias, de forma que posso dizer com o Apóstolo, e especialmente depois de receber Jesus Sacramentado e tê-lo no meu peito:

«Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim» «e Este crucificado»;

o qual me faz experimentar a vizinhança da sua presença em saboreamento da sua intimidade, e como o gozo dos Bem-aventurados pela antecipação de Eternidade.

«Sinto em meu ser um mistério
que não sei como será...,
um silencioso segredo
que tenho dentro do peito
quando vou comungar...

É doçura e é requebro,
é ternura e é gozar,
é toque do Infinito
em profundo cauterizar,
em romances do Eterno
que cerca em sua intimidade...

Ai, se pudesse dizer,
no meu modo de explicar,
isto que vivo na minha profundidade
quando vou comungar...!

Mas faltam as palavras
em meu modo de adorar...
Ai, o que sinto no peito
quando vou comungar...!».

10-1-1972

E a presença real de Jesus, dando-se a mim em comida e em bebida e fazendo-me saltar de gozo no Espírito Santo, repleta-me tanto, que se encham todas as apetências do meu coração; porque possuo o Tudo no meu nada em requebros de amores eternos, que introduzindo-me nos seus pensamentos divinos, ilumina o meu pobre entendimento; sabendo de que sabe Deus e saboreando, em intimidade de família, a mesma vida que Deus vive em soletração profunda de íntimos e ditosíssimos requebros de amor entre Deus e a sua pequena Trindade de la Santa Madre Iglesia;

fazendo-me virgem com a sua virgindade, fecunda com a sua fecundidade universal, rica com a sua riqueza, formosa com a sua formosura...; repletando todas as apetências do meu espírito, criado por Deus para possuí-lo, e ressecas e abrasadas em ânsias como infinitas de sua posse em luz clara de Eternidade; confortando-me e consolando-me na debilidade do meu pobre corpo enfermo, de modo que o sublime Sacramento realiza no meu interior aquilo que Jesus também dizia: «Quem come minha Carne e bebe meu Sangue tem a vida eterna e Eu o ressuscitarei no último dia»¹⁸.

«É sabor de Eucaristia,
beleza de poesia
o que abrigo em minhas entranhas;

¹⁸ Jo 6, 54.

Sabor de Pão escondido
em manancial aceso
pelo Vinho que embriaga.

É comunhão do Deus vivo
que penetra o cativo
da medula da alma

com o manjar suculento
de quem se dá em alimento
em doação de quem ama.

É precioso este sustento
para quem vaga sedento
atrás das fontes das Águas,
e morre macilento
por não encontrar alimento
para as fomes das suas ânsias.

Ó manjar de Pão e Vinho!,
ao que encontra seu destino
alimento que embriaga».

18-1-1973

E porque a minha fé se faz viva e vivificante para mim, no Sacramento da Eucaristia busco Jesus Sacramentado, «como a corça suspira pelas correntes de água»¹⁹; para saturar-me, na vizinhança do Esposo divino da minha alma, do gozo ditosíssimo da sua presença atrás das portas do sacrário, onde oculta-se o Deus vivo durante todos os tempos por se acaso alguém vier vê-lo.

E em sua companhia e apoiada no seu peito, como o Apóstolo São João na Última Ceia,

¹⁹ Sl 42, 1.

repleto toda a necessidade como insaciável de amar e de ser amada, que Deus pôs no coração do homem para possuí-lo repletando-o com a sua plenitude.

E, como esposos enamorados, em doces, ternos e íntimos requebros de amor, damo-nos e retornamos nossos dons no romance amoroso mais sublime, divino e divinizante que a criatura, durante este duro peregrinar, possa chegar a experimentar, e que «de vida eterna sabe e toda dívida paga»²⁰.

«Meu Céu no desterro
são tempos de Sacrário,
em melodias doces
de contatos sagrados,
onde, em horas silentes,
com seu passo calado,
Deus abre os caudais
do meu peito sangrando,
e os converte em gozo,
sendo meu Céu tanto,
que apercebo o Deus vivo
em meus doces contatos.
Meu Céu no desterro
são tempos de Sacrário».
9-9-1973

Junto à Eucaristia tudo seu é meu, e tudo meu é seu; sendo Ele o meu meu e eu a sua sua.

²⁰ São João da Cruz.

Pelo que, adorante diante de Jesus Sacramentado e aconchegando-me no seu peito, sob a experiência saborosíssima da sua presença íntima e amorosíssima reconhecendo-o como o Unigênito de Deus, único Deus verdadeiro, reverente e prostrada, exclamo cheia de sublime e inédito amor:

«Obrigada, Jesus, por teres ficado na Eucaristia!; eu te adoro!

Obrigada, Jesus, por teres ficado na Eucaristia!; eu te amo!».



Eu tenho fé...! Pelo que, quando o meu corpo enfermo apercebe que as forças acabam-se e proximamente pode sobrevir-lhe a morte, andando pelas fronteiras da Eternidade aos Portões suntuosos da Glória, para introduzir-me na vida eterna; meu corpo ofegante, duramente dolorido, e meu espírito cheio de gozo no Espírito Santo que me repleta de esperança, recorre ao Sacramento da Santa Unção, que tantas vezes recebi na minha vida, sempre quebrantada e cheia de enfermidades; as quais me põem em situações tão dramáticas, entre o Céu e a terra, entre a vida e a morte.

E uma vez recebido, este celestial Sacramento impulsiona-me, na minha busca incansável de só Deus, para a vida eterna; preparando-me por se chega o encontro definitivo com o Esposo da minha alma; cumprindo as esperanças da minha vida no meu andar veloz, que me faz correr pressurosa, como em vôo, para a Casa

do Pai, conseguindo a meta da minha vida consagrada a Deus, sempre ofegante, esperando o momento definitivo de ser introduzida nas mansões magníficas e suntuosas da Eternidade «para sempre»; onde o Esposo divino espera-me para introduzir-me no festim infinito das Bodas eternas de Cristo com a sua Igreja.

«Que peregrinar mais longo...!
Que saudades pelo teu encontro...!
Que ânsias por possuir-te,
neste viver morrendo,
neste clamar constante
por encontrar-te em teu seio...!

Parece que as entranhas
se me ressecam, pedindo
a plenitude da minha vida
em teu Manancial eterno,
na Luz do teu olhar,
na profundidade do teu peito.

Eu necessito meter-me
em teu divino Mistério,
na profundidade funda
do teu infinito Cautério,
e, nele, ficar submergida,
cauterizada em seu fogo.

Ó, que urgências por ter-te
em minhas urgências morrendo,
em minhas saudades vividas,
em meu torturante anelo,
para sentir-me engolfada
já para sempre em teu seio...!

É meu viver tão divino
e em tão terrível mistério,
que, se não vens piedoso
e compassivo ao meu encontro,
de tanto e tanto ter-te,
em tua posse morro,
diante da minha sede anelante
por possuir-te sem véus».

17-6-1965

E «isto será amanhã», repito-me constantemente a mim mesma na minha busca insaciável de dar glória a Deus e vida às almas; quando o meu peregrinar tenha passado e possa dizer com «Cristo, e Este crucificado»: «Tudo está consumado»; «Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito»²¹.

«Chegará um dia...?

Chegará!

Que verei teu rosto...?

O verei!

E estarei contigo...?

Estarei!

E será para sempre...?

O será!

E entrarei em tua vida...?

Entrarei!

Sem morrer de gozo...?

Sem morrer!

E que farei, meu Eterno?

Eu o sei...!

²¹ Jo 19, 30; Lc 23, 46.

Não será possível olhar-te na terra?
Silêncio...! Nada me respondes...
Por que?».

15-11-1974

Eu tenho fé... E por isso creio no Sacramento da Santa Unção e experimento os seus dons e frutos; o qual nos tira e nos purifica os nossos pecados, preparando-nos para o encontro definitivo com Deus, e fortalecendo e confortando não só a nossa alma, mas também o nosso corpo, suavizando a enfermidade, inclusive curando-a se não tivesse chegado o momento definitivo do encontro com Deus, e preparando-nos para esse encontro.

«Há algum enfermo? Mande, então, chamar os presbíteros da Igreja, que façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o enfermo e o Senhor o levantará e, se tiver cometido pecado, será perdoado»²².

Pelo que a minha fé fica robustecida e confortada, preparando-me, cheia de esperança e sob o impulso e o amor do Espírito Santo, para abraçar, nesse momento e em todos os momentos da minha vida, a vontade de Deus, seja a vida ou o ir embora deste terrível e dramático peregrinar, a terra ou o Céu.

«É como uma flecha aguda
a tua vontade no meu peito,

²² Tg 5, 14-15.

que perfura minhas entranhas
com o seu substancial cautério.

E é tão clara e transparente
dentro do meu entendimento,
que, sem saber como é,
toda a minha vida, em lamento,
é lançada a realizar
quanto pões no meu seio.

É impulso o teu querer
que me lança sem tropeço,
sabendo quanto hei de fazer,
podendo fazer tudo.

Porque o teu querer, em mim,
é sempre caminho aberto
e horizontes de alegria
em frutos de almas repletos.

Eu quero a tua vontade,
ainda que não entenda o mistério!».

9-3-1977

*

Eu tenho fé... E porque esta é para mim
mais certa que o que me possam dizer os sen-
tidos e mais clara que o resplendor do sol do
meio-dia, creio no Sacramento da imposição
das mãos do Bispo, com todos os poderes que
o sacerdote do Novo Testamento, por ela, de
Cristo recebe.

Pelo que vejo nele o unguido de Deus que,
por meio dos Sacramentos, é capaz, pela sua pa-
lavra sacerdotal, em e pelo exercício do seu sa-
cerdócio, participando da plenitude do Sacerdó-

cio de Cristo, pelo derramamento sobre ele desta mesma plenitude, de fazer o que só o mesmo Cristo pode fazer e realizar pela sua potestade divina como Unigênito de Deus, feito Homem pela união hipostática da sua natureza divina e a sua natureza humana.

De tal forma, que o sacerdote do Novo Testamento, pronunciando as palavras do Divino Mestre no momento da Ceia, quando dizia aos seus Apóstolos: «Fazei isto em memória de mim», perpetuando aquele momento; é capaz, pela transubstanciação, de converter o pão no Corpo de Cristo e o vinho no Sangue do Divino Redentor; dando-nos «Cristo, e Este crucificado», em comida e em bebida, Maná divino e manjar de vida eterna.

Ó sacerdote de Cristo!, o qual vi no Grande Momento da Consagração no dia 18 de outubro de 1962; no qual Deus, levantando-me à altura da excelsitude do sublime Sacramento, durante o Sacrifício da Santa Missa, introduziu-me a contemplar o que se realiza naquele momento pelas palavras do sacerdote do Novo Testamento, mediante os poderes que Deus dá a seus ungidos.

Pelo que o meu espírito, cheio de reverência, em prostração adorante, exclamava: «Ó!, se eu fosse sacerdote...!».

Compreendendo e gozando em que eu não era digna do sublime dom que Deus concedera aos ungidos com o óleo sagrado da unção sacerdotal;

E que da plenitude do Sacerdócio de Cristo derramando-se sobre a minha pobre e pequenina alma, participando da Maternidade universal de Maria, na limitação da minha pobreza e miséria, por Maria e com Ela, era esposa do Espírito Santo e mãe sacerdotal; pela universalidade que, segundo a vontade divina, só por Deus conhecida, o Infinito Ser, pelos méritos de Cristo, fizera recair sobre mim.

E Cristo fundou a sua Igreja, encomendando-a aos Apóstolos e aos seus Sucessores para perpetuá-la durante todos os tempos e conduzi-la sob o seu amparo e pastoreio para verdes pastos:

«O Senhor é o pastor que me conduz;
não me falta coisa alguma.
Pelos prados e campinas verdejantes
Ele me leva a descansar.

Para as águas repousantes me encaminha,
e restaura as minhas forças.
Ele me guia no caminho mais seguro,
pela honra do seu nome.

Mesmo que passe pelo vale tenebroso,
nenhum mal eu temerei.
Estais comigo com bastão e com cajado,
eles me dão a segurança!»²³.

E peço a Deus, confiando na sua misericórdia, que as ovelhinhas fiéis do rebanho do Bom Pastor «não se extraviem seguindo os rebanhos

²³ Sl 22, 1-4.

de seus companheiros»²⁴. Porque, como dizia São Paulo, «trazemos esse tesouro em vasos de barro»²⁵, que em algum momento algum deles pode-se quebrar e romper pela fragilidade humana. E, por outro lado, o mundo está cheio de confusão, e no seio da Igreja infiltraram-se e infiltram-se salteadores disfarçados de anjos de luz, «lobos rapazes vestidos com pele de ovelha»²⁶, para arrancar do seio da Igreja os seus filhos, confundidos pelo vozerio tenebroso do «pai da mentira»²⁷.

«Aquele dia que te vi,
Igreja, como choravas!
com as cavernas abertas
que a tua alma traspassavam.

Apesar de ser formosa
e com jóias saturada,
os pecados dos teus filhos
teu rosto desfiguravam.

Pecados que são as manchas
que a tua formosura profanam,
por não saber o mistério
em que, envolta, te arremansas.

Te vi rompendo em pranto,
morena e desfigurada,
jogada no chão e chorosa,
ofegante e encurvada.

Ó, quanto sofri aquele dia
ao ver-te esbofetada...!

²⁴ Ct 1, 7.

²⁵ 2 Cor 4, 7.

²⁶ Cf. 2 Cor 11, 14; Mt 7, 15.

²⁷ Jo 8, 44.

Se eu te voltasse a ver...!
Como não te consolaria,
arrancando-te a tua pena,
e Deus, ao ver-te, gozasse?».
19-10-1967

E ao depositar Jesus nas mãos dos seus Apóstolos os Sacramentos, enchendo-os de todos os dons, frutos e carismas do Espírito Santo para a expansão da Igreja e santificação das almas; enviando-os a pregar: «Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo. Mas quem não crer será condenado»; «como o Pai me enviou, assim também Eu vos envio»²⁸; deu-lhes os seus mesmos poderes:

«Jesus convocou os doze discípulos e deu-lhes poder sobre os espíritos impuros para os expulsarem e para curarem toda enfermidade e doença». «Estes doze Jesus os enviou, com estas recomendações: “...curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demônios. Recebestes de graça, dai de graça!”»²⁹.

Mas têm que ter fé:

«Ao chegarem junto da multidão, aproximou-se dele um homem que, de joelhos, lhe pedia: “Senhor, tem compaixão de meu filho, porque é lunático e sofre muito com isso. Muitas vezes cai no fogo e outras na água. Eu o trouxe aos teus discípulos, mas eles não foram capazes de curá-lo”. Ao que Jesus replicou: “Ó geração in-

²⁸ Mc 16, 15-16; Jo 20, 21. ²⁹ Mt 10, 1. 5. 6-8.

crédula e perversa, até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-o aqui”. Jesus o conjurou severamente e o demônio saiu dele. E o menino ficou são a partir desse momento.

Então os discípulos, procurando Jesus a sós, disseram: “Por que razão não pudemos expulsá-lo?”. Jesus respondeu-lhes: “Por causa da fraqueza da vossa fé, pois em verdade vos digo: Se tiverdes fé como grão de mostarda, direis a esta montanha: transporta-te daqui para lá, e ela se transportará, e nada vos será impossível. Quanto a essa espécie de demônios não é possível expulsá-la senão pela oração e pelo jejum”»³⁰.

Pelo que eu sei e creio que só a Igreja Católica e Apostólica, sob a Sé de Pedro, é capaz de «ligar e desligar», de salvar a humanidade caída, pelos méritos de Cristo, o Unigênito Filho do único Deus verdadeiro, da sua mesma substância e natureza divina.

E é a Igreja quem, em momentos difíceis da humanidade, tem o direito e a obrigação de pôr-se, como Moisés, com os braços estendidos, feita una com «Cristo e Este crucificado», para implorar por todos os homens «entre o pórtico e o altar», exercendo o seu sacerdócio.

Há que pedir à Igreja que implore diante da Santidade de Deus ofendida, para que, derramando-se em compaixão de misericórdia, liberte-nos das maquinações dos homens e dos de-

³⁰ Mt 17, 14-21.

satinos dos seus ocultos e tenebrosos pensamentos, já que «os pensamentos humanos, não passam de sopro»³¹.

E assim os espíritos malignos estejam bem atados sob a Sé e o poderio de Pedro com os demais Sucessores dos Apóstolos, para que não possam ficar soltos das suas correntes, mediante a fortaleza da Majestade divina derramando-se sobre os Apóstolos; que, feitos uno com Pedro e com um mesmo pensamento, sob o seu pastoreio, não só conduzem o Rebanho do Bom Pastor para a Casa do Pai, mas que poderio lhes sobra, dado por Cristo, para expulsar os demônios, atar e constranger os diabos, os quais estão escravizados «como escabelo por debaixo de seus pés»³².

Eu tenho fé... E creio que Cristo fez Pedro pedra e fundamento sobre a qual edificaria a sua Igreja, sem que os poderes do inferno possam prevalecer contra ela; confiando-lhe o pastoreio supremo de todo o seu rebanho.

Eu tenho fé, porque sou filha da Igreja Católica e Apostólica, sob a Sé de Pedro e unida aos meus Bispos queridos.

E sob a confirmação da palavra de Pedro e da sua segurança, vivo feliz cimentada nas Colunas da Igreja, que são os Sucessores dos Apóstolos. E sob a Sé de Pedro caminho segura para a Casa do Pai; pedindo para que todos

³¹ Sl 93, 11.

³² Sl 109, 1.

os Sucessores dos Apóstolos, sendo as Colunas da Santa Mãe Igreja, do Novo Templo de Deus, a Nova Jerusalém construída «não por mãos de homens, mas pelo mesmo Deus», mantenham-se unidos como o Pai e o Filho são uno no amor do Espírito Santo; e assim o mundo conheça Jesus Cristo.

«Eu lhes dei a tua palavra, mas o mundo os rejeitou, porque não são do mundo, como Eu não sou do mundo. Não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno. Eles não são do mundo, como Eu não sou do mundo. Consagra-os na verdade; a tua palavra é verdade. Como Tu me enviaste ao mundo, assim também Eu os enviei ao mundo. Eu me consagro por eles, a fim de que eles também sejam consagrados na verdade»³³.



Eu tenho fé. Pelo que, recebendo amorosamente as palavras do Divino Mestre:

«Não lestes que no princípio o Criador os fez homem e mulher e disse: Por isso o homem deixará o pai e a mãe para unir-se à sua mulher, e os dois serão uma só carne? Assim, já não são dois, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu»³⁴;

senti tanta veneração, tanto respeito pela união dos esposos, que, pelo Sacramento do Matrimônio, fica santificada e elevada a um pla-

³³ Jo 17, 14-19.

³⁴ Mt 19, 3-6.

no sobrenatural, que me faz exclamar com São Paulo: «Este mistério é grande, e eu o interpreto em relação a Cristo e à Igreja»³⁵.

Eu tenho fé... E, porque tenho fé, a minha alma salta de gozo diante das palavras de Deus aos nossos Primeiros Pais no Paraíso terrestre: «Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei e subjuguai a terra»³⁶.

Pois «vem à minha mente, surgindo-me do mais profundo e íntimo do meu coração, uma necessidade muito profunda de comunicar e expressar aquilo que ficou inscrito e como gravado na minha alma, com fogo, diante da comunicação do dia 21 de março de 1959; quando Deus fez-me ver, de uma maneira profundíssima, íntima e prolongada, como o Seio do Pai estava aberto, e de que maneira!, esperando encher-se dos filhos criados à imagem e semelhança do que a Ele faz ser aquilo que é, em si, por si e para si, na sua subsistência eterna e suficiência infinita, transcendente e familiar;

para colocá-los a participar do gozo infinito e coeterno de quem é bom, que goza em fazer felizes outros seres com a sua mesma felicidade, dita e desfrute eterno; e pudessem entrar, vivendo por participação, na vida gloriosíssima, ditosíssima, eterna, divina e transcendente da sua mesma Divindade, sida, possuída e desfrutada por Ele em intercomunicação familiar e lareira de vida trinitária.

³⁵ Ef 5, 32.

³⁶ Gn 1, 28.

De forma que pudessem contemplar Deus com os seus mesmos olhos, sob os cintilantes fulgores da sua sapiencial sabedoria; fazendo-os semelhantes a Ele; e, ao contemplá-lo face a face, ficassem «transformados de claridade em claridade naquilo que contemplassem»³⁷; e, como fruto, rompessem com o Verbo cantando, com o Unigênito de Deus!, a sua canção, nas vibrações amorosas, infinitas e coeternas do Espírito Santo.

Enquanto que eu, [...] diante de tão alta e subida contemplação, pelo que estava vivendo, descobrindo, saboreando e penetrando, exclamava, como numa loucura de amor, sob a força, o ímpeto e o amor do Espírito Santo:

“Almas para Deus! Filhos para o seu seio!”.

Repetia-o e repetia... E enquanto mais o repetia, mais aumentava a necessidade que tinha no meu espírito de buscar almas para Deus».

«E, submergida na mesma Divindade, transcendida e transcendendo, contemplava o mistério recôndito e transcendente d'Aquele que É, na intimidade da sua Família Divina; sida e possuída no seu só ato de ser, infinita e eternamente subsistente e suficiente, que faz romper todos os Bem-aventurados numa exclamação de júbilo de amor diante da plenitude da posse de Deus, em adoração de reverente prostração no seu êxtase de amor, transbordados pela excelência excelente d'Aquele que é bom, *sendo-se* aquilo que é e fazendo-os felizes com a posse, em participação, da sua mesma vida divina».

³⁷ Cf. 2 Cor 3, 18.

«Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo que dos Céus nos abençoou com toda bênção espiritual em Cristo.

Assim, antes da constituição do mundo, nos escolheu em Cristo, para sermos em amor santos e imaculados a seus olhos,

predestinando-nos à adoção de filhos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça com que nos agraciou em seu Bem-amado;

Nele temos a Redenção pela virtude de seu Sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza de sua graça, que derramou profusamente em nós, com toda a sabedoria e inteligência»³⁸.

Pelo que, no dia 17 de junho de 2003, exclamava: «Filhos amadíssimos da Santa Mãe Igreja: Almas peço para encher o Seio do Pai!, segundo a sua eterna vontade desejou e determinou quando, ao criar os nossos Primeiro Pais, fê-los os reis da criação; e, pondo neles a apetência e a necessidade de unirem-se no amor, fê-los capazes de colaborarem na criação de criaturas racionais, à imagem e semelhança da mesma paternidade divina, sob estas sublimes palavras: “Crescei, multiplicai-vos e enchei a terra”.

Fim principal para o qual Deus pôs no amor conjugal dos esposos a exigência de unirem-se tão intimamente que sejam uma só carne; para que, colaborando com o mesmo Deus nos planos da criação, e, como fruto dessa união, pro-

³⁸ Ef 1, 3-8.

criando, enchessem a terra de homens, almas para Deus, filhos para o seu seio, que está aberto, esperando encher-se.

Sendo tão sublime este mistério, que Deus mesmo capacita o homem para que, pelo dom gratuitamente recebido do Alto, colabore com Ele a criar criaturas que, à imagem e semelhança do mesmo Deus, possam chegar a possuí-lo.

Pelo que hoje, diante da consciência que Deus põe no meu espírito em relação aos seus planos eternos sobre a humanidade –os quais eu tenho que manifestar, por vontade divina, como o Eco pequeno e diminuto, mas vivo e palpitante, da Mãe Igreja–, e agora com relação a quanto venho dizendo sobre a união conjugal pelo Sacramento do Matrimônio;

peço a quantos queiram escutar o que, por parte d'Aquele que É, tenho que comunicar, mas de modo especial aos membros do Corpo Místico de Cristo:

que se vão fazendo conscientes e conseqüentes do que o Infinito Ser sonhou com relação a eles quando criou-os para que, unidos, dando glória ao mesmo Deus, cumpram os seus desígnios e planos eternos, mediante o cumprimento da sua divina vontade, que espera, com o seu seio aberto, encher-se com os filhos criados –mediante a colaboração dos esposos–, só e exclusivamente para possuí-lo, dando-lhes a viver da sua mesma vida, bebendo nas refrigerantes torrentes dos seus mananciais divinos, saciando-os no o convite gloriosíssimo e coeterno da sua mesma divindade».

«Considerai com que amor nos amou o Pai, para sermos chamados filhos de Deus. E de fato o somos. Se o mundo não nos conhece, é porque não o conheceu.

Caríssimos, agora somos filhos de Deus, embora ainda não se haja manifestado o que havemos de ser. Sabemos que, quando Ele aparecer, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal qual Ele é»³⁹.

«Rajadas de glória,
em brechas de Céu,
surgem da profundidade
do meu pensamento.

Uma vida imensa
descubro entre véus,
quando busco, em sombras,
o fim do meu vô.

Uns lumes claros,
qual claros luzeiros
em cintilantes
pupilas em fogo,
vislumbro, se busco
a quem espero.

Uma vida imensa
após do meu desterro!».

16-2-1973

«E enquanto contemplo os mistérios de Deus e os seus planos e desígnios eternos, que me pede almas para repletar seu seio aberto, com

³⁹ 1 Jo 3, 1-2.

os filhos que o homem há de dar-lhe no matrimônio, e fazê-los participar da mesma vida que Ele vive; vejo a desoladora destruição que causam os planos aterrorizadores e diabólicos, que se vão apoderando do coração e do pensamento dos homens.

E intensa e profundamente angustiada, volvida para o Infinito Criador, com a Santa Mãe Igreja jogada no chão e chorosa, ofegante e encurvada, desde a sua grandeza à minha pequenez, feita una com “Cristo e Este crucificado”, imploro a Deus a sua divina clemência, cheia de misericórdia.

Já que, depois de ter visto cair Lúcifer no Abismo tenebroso e insondável que se abriu para ele diante da sua rebelião contra o Infinito Criador, e depois de que, após o caminho da vida, vi que os homens caíam precipitada e apavoradamente no Abismo aberto para os que, como o diabo, dizem a Deus “não”; vivo entre penares de morte e agonias terríveis de Getsêmani, como o Eco da Igreja, com o meu cântico de Igreja, clamando: “Almas para Deus! Filhos para o seu seio!”».

«Opressões reprimidas
na profundidade do meu peito,
com silêncios prolongados
em encerros de mistérios...

Deus sabe as agonias
dos meus clamores em dó
pela urgente petição
da sua palavra no meu seio!

Que importa que eu morra
sem expressar meus anelos,
se meu troféu é a cruz
em conquista do Eterno?

São estranhos os penares
da luta do meu vôo;
só Deus sabe o porquê
de quanto oprimo em segredo.

Longas são minhas agonias
em torturantes tormentos,
vagando, como estrangeira,
ao longo do desterro.

Estranheza sinto em minha vida
de quanto ao meu lado tenho,
pois sou distinta e distante,
por viver Glória no solo;

opressões torturantes
em petições de Imenso!
que, ao não poder contê-las
por mais tempo no meu interior,
fazem que prorrompa em pranto,
suspirando pelo Céu.

São profundos meus penares
na noite do meu encerro.

Duras são minhas agonias,
por meu clamar em silêncio!».

Abril de 1975

«Pelo que, às vezes, quando vejo os esposos
cristãos pensando, contando e pondo número
aos frutos do amor que os une em matrimônio
fazendo-os uma só carne, sinto-me desalentada;

porque, talvez, não tenha podido expressar ainda, antes de morrer, a transcendência transcendente dos planos de Deus, realizados em correspondência total e incondicional com o que Ele quis e sonhou de todos os homens e de cada um de nós.

Por isso, e por muito mais que não acabaria, se seguisse adiante evocando e manifestando os desígnios do Coeterno Ser sobre os esposos, e a grandeza do seu matrimônio, exclamo:

Dai-lhe filhos como Deus vos pede e me pede, para que vivam, mediante a graça, por participação, da sua mesma vida, e se possa plasmar neles a vontade de beneplácito de Deus segundo o seu pensamento divino sonhou-o desde toda a eternidade.

Para que quando chegue o dia da Eternidade, que é amanhã, amanhã, não mais!, filhos queridíssimos e entranhavelmente amados, tenhais dado a Deus não os filhos que, segundo os vossos cálculos são necessários e suficientes, mas os que Ele pensou e necessitou receber de cada uma das suas criaturas racionais, e dos membros da Igreja, quando criou-nos e predestinou-nos para cumprir os seus planos eternos, cheios de desígnios infinitos, para todos e cada um dos homens».

«“Os pensamentos humanos, não passam de sopro!”; o pensamento de Deus, que infinito, que divino, que amoroso e que eterno!, inclinándose para a humanidade caída, em compaixão de misericórdia e ternura infinita mediante a Encar-

nação do Verbo, que se imolou em reparação cruenta e redentora.

É Deus quem determinou e tem que determinar a realização dos seus planos eternos sobre cada um dos homens. E só assim, quando apresentem-se diante d'Ele, terão cumprido completamente o fim para o qual foram criados, com relação a suas vidas unidas em matrimônio para sempre com o fim de dar-lhe "filhos para Deus!; almas para o seu seio!"».

«*Quisesse* ser doação
que nunca nada pedisse,
que sempre a todos se desse
em total imolação.

Quisesse ser, com meu Esposo,
Eucaristia calada,
pelo silêncio selada
em sacerdócio amoroso.

Quisesse, com forte ardor,
ser sacrifício incruento,
doando-me em alimento
para glória do Amor.

Quisesse... –quanto quisesse!–,
que minha vida consagrada
fosse por Deus aceita
sem que ninguém o soubesse.

Quisesse que tanto amasse,
que, prostrada em rendição,
fosse toda adoração
que ao Imenso reparasse.

Quisesse que, diante de Deus posta,
a Infinita Majestade
tivesse em minha lealdade
incondicional resposta.

Quisesse... –quanto quisesse!–
que meu anelo reprimido
fosse rompentes de vida
para quem me ouvisse.

Quanto quisesse, Senhor...!
Mas Tu não me faças caso;
se é que o fogo em que me abraso
me faz delirar de amor».

4-7-1975

Enquanto que eu, unida com Cristo em desponsório eterno desde o dia da minha consagração, quero ser una com Ele, só para Ele, descanso do seu coração e consolo que busca, apoiada no seu peito, dar-lhe glória e fazê-lo sorrir, como esposa loucamente enamorada do meu Esposo divino. O qual é o meu meu e eu sou a sua sua, só para Ele, pelo meu desponsório com o Esposo eterno:

«O meu Amado é todo meu e eu sou d'Ele. Ele é um pastor entre açucenas.

Antes que a brisa sopra e as sombras se debandem, volta. Sê como um gamo, Amado meu, um filhote de gazela pelos montes de Beter»⁴⁰.

«Tive ainda uma visão: o Cordeiro estava sobre o monte Sião e com Ele cento e quarenta e quatro mil, que trazem seu nome e o nome de

⁴⁰ Ct 2, 16-17.

seu Pai escritos em suas fronteiras. Ouvi uma voz do Céu, como a voz de grandes águas, como voz de grande trovão, e a voz que ouvi era de citaristas, tocando as cítaras. E cantavam um cântico novo diante do trono e dos quatro seres vivos e dos anciãos. Ninguém podia aprender o canto senão os cento e quarenta e quatro mil que foram resgatados da terra.

Estes são os que não se mancharam com mulheres mas são virgens. São os que seguem o Cordeiro, aonde quer que vá. Foram resgatados dentre os homens, como primícias para Deus e para o Cordeiro, e em sua boca não se encontrou mentira: são imaculados»⁴¹.

E vivo feliz e sinto-me a criatura mais privilegiada do mundo, entregue incondicionalmente a Cristo pelos meus votos eternos de castidade, pobreza e obediência aos que representam Deus para mim, os Sucessores dos Apóstolos, aos quais Cristo encomendou a sua Igreja.

E pela vontade do Pai e no amor do Espírito Santo sou mãe espiritual das almas e dou filhos a Deus, almas para o seu seio.

«Que união a do Amor em nossas almas...!
Que união quando nos une no seu Mistério...!
Quem poderá compreender como Deus une,
quando é obra de amor para o seu Reino?

O Amor beija a alma,
sem sabê-lo;

⁴¹ Ap 14, 1-5.

esta se sente mãe
no seu cautério,
e o mesmo Amor que a fecundou
introduz os filhos no seu seio.

E então, ó, que união!
em segredo,
pois, onde mora Deus
no seu aposento,
sente-se mãe a alma com seus filhos,
sendo unos, n'Ele, com gozo eterno».
18-5-1966



Eu tenho fé. E, porque tenho fé, sinto-me descendência de Abraão, filha e herdeira da Promessa que Deus fez à sua alma segundo o mesmo Deus nos manifesta através das leituras das Sagradas Escrituras na Santa Missa destes dias:

«Irmãos, de fato, não foi mediante a lei que se fez a promessa a Abraão, ou à sua descendência, de ser o herdeiro do mundo, mas por meio da justiça da fé. Por conseguinte a herança vem pela fé, para que seja gratuita e para que a promessa fique garantida a toda a descendência segundo a fé de Abraão, que é o pai de todos nós.

Conforme está escrito: “Eu te constituí pai de uma multidão de nações”. Nosso pai em face de Deus em quem creu, o qual faz viver os mortos e chama à existência as coisas que não existem. Ele esperando contra toda a esperança, creu e tornou-se assim pai de muitos povos, conforme lhe fora dito: “Tal será tua descendência”.

Irmãos: diante da promessa de Deus, ele não se deixou abalar pela desconfiança, mas se fortaleceu na fé, dando glória a Deus, convencido de que podia cumprir o que prometeu. Eis por que isto lhe foi levado em conta de justiça. Não foi escrito só para ele: “Foi-lhe levado em conta” mas também para nós. Para nós que cremos naquele que ressuscitou dos mortos Jesus, nosso Senhor, o qual foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para a nossa justificação»⁴².

«Todos vós, pois, sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo. Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus. Ora, se sois de Cristo, então sois verdadeiramente a descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa»⁴³.



Eu tenho fé, porque sou Igreja e, dentro dela, o Eco desta Santa Mãe, e antes deixaria de ser alma que de ser Igreja Católica, Apostólica e cimentada sob a Sé de Pedro.

Eu tenho fé... E porque reconheço na Igreja e recebo dela todos os dons e frutos que o único Deus verdadeiro, pelo seu unigênito Filho, Jesus Cristo, seu enviado, deu à minha Santa Mãe; confesso, mediante a minha vida de fé, cheia de esperança e abrasada no amor do Espírito Santo, o único Deus verdadeiro, que a mim, a menor

⁴² Rm 4, 13. 16-18; 20-25.

⁴³ Gl 3, 26-29.

das filhas da Igreja e, como diz o Apóstolo São Paulo, «como um aborto», revelou-se-me de tão distintas e diversas maneiras, enviando-me:

«Vai e dize-o...!»; «Isto é para todos...!»;
«Aquele que É envia-me a ti...!»;

Para que manifeste na minha canção de Igreja, «oportuna e inoportunamente»⁴⁴, quanto Aquele que É encomendou-me, aos homens de todo povo, raça e nação, repetindo com o Apóstolo São Paulo:

«A mim, o menor de todos os santos, foi-me dada esta graça de anunciar aos pagãos a incalculável riqueza de Cristo e de pôr em luz o desígnio salvador de Deus, Mistério oculto desde os séculos em Deus, Criador de todas as coisas. Assim, podem conhecer pela Igreja a infinita diversidade da sabedoria de Deus, de acordo com o desígnio eterno que Deus realizou em Cristo Jesus, Senhor nosso. Pela fé que n'Ele depositamos, temos plena confiança de aproximar-nos junto a Deus»⁴⁵.

Eu tenho fé inquebrantável, recebida por meio dos Apóstolos e seus Sucessores.

E, porque tenho fé, creio que Deus se nos dá pelo seu unigênito Filho Jesus Cristo mediante o mistério da Encarnação do Verbo, realizado somente por obra e graça do Espírito Santo no seio de Nossa Senhora toda Virgem, toda Mãe, toda Branca da Encarnação; e que o mistério da vida, morte e ressurreição de Cristo,

⁴⁴ 2 Tm 4, 2.

⁴⁵ Ef 3, 8-12.

perpetua-se-nos dentro e na ânfora espaçosa,
repleta e saturada de Divindade, santa e santi-
ficante, da Santa Mãe Igreja para salvação de
toda a humanidade, com coração de Pai, can-
ção de Verbo e amor de Espírito Santo.

«Vivo cheia de saudades
em clamores do meu Amado,
saboreando seu encontro
em ternos toques sagrados.

Eu sei que Ele virá buscar-me
no dia assinalado,
para levar-me às suas bodas
em festim de enamorados.

Ouçõ seu passo na noite,
apercebo seus contatos,
e sei que vem ao meu encontro
como Herói zeloso.

Nada há no meu interior
que não esteja a Deus consagrado,
vivendo em festim de amores
o Imenso com seu arauto.

Minha voz é doce ao seu amor,
Ele me escuta cativado,
porque ouve, na minha canção,
as glórias do seu reinado.

Conquistador da minha vida,
que, qual gladiador lutando,
ganhar soubeste o troféu
do meu peito lacerado;

eu te esperarei nas minhas noites
sem que me renda ao cansaço,

porque o amor é minha força
para esperar quem amo.

Ninguém cortará meu vôo
quando, impelida, me lanço
atrás do Esposo infinito,
que sempre me está chamando!

Que é a prova e a fadiga,
se, reclinada em meu Amado,
apercebo as batidas
do seu peito perfurado...?

Eu me abraço nas saudades
daquele encontro anelado
que me prometeu o Deus vivo
pelo poder do seu braço!

Amador dos meus amores,
esperando, eu te amo!».

Novembro de 1975

**PELA FÉ INQUEBRANTÁVEL
DE ABRAÃO
DIANTE DAS PROMESSAS DE DEUS,
TODAS AS GERAÇÕES
FORAM ABENÇOADAS MEDIANTE
O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO,
NO QUAL E PELO QUAL
«O VERBO SE FEZ CARNE
E HABITOU ENTRE NÓS»¹,
RECONCILIADOR INFINITO
EM E PELA PLENITUDE
DO SEU SACERDÓCIO,
ENTRE A CRIATURA E O CRIADOR**

Como poderia eu esta manhã, na qual a minha alma sentiu-se tão profunda e entranhavelmente unida ao nosso Pai Abraão, especialmente durante a leitura do Antigo Testamento, tão maravilhosa como dramática, sobre a petição de Iahweh com relação ao sacrifício do seu filho Isaac, não proclamar, desde a ruindade do meu nada e a miséria e a pobreza da minha pequenez, a grandeza da fé do Patriarca...?!;

¹ Jo 1, 14.

rompendo em cânticos de louvor sobre aquele no qual seriam abençoadas todas as nações da terra; predestinado por Deus com predileção eterna e infinita desde o princípio dos tempos para ser o «Pai de todos os crentes»²;

e de cuja descendência nasceria, segundo a carne, o Salvador da humanidade, o Ungido de Iahweh, da estirpe de Davi, «Rei dos reis, Senhor dos senhores»³; o Libertador que nos resgataria, libertando-nos da morte que caiu sobre os homens pelo pecado dos nossos Primeiros Pais; e levantando-nos para a vida nova para a qual Deus nos criou à sua imagem e semelhança, no seu pensamento divino, cheio de desígnios eternos de amores infinitos, só e exclusivamente para que o possuíssemos.

Como estremeceu-se esta manhã o mais recôndito do meu espírito e a medula da minha alma diante da leitura da Santa Missa; cheia de amor e santo orgulho por nosso Pai Abraão, que não se reservou nada para si, estando disposto a oferecer em sacrifício o seu «único» filho, o seu «primogênito», o filho da grande promessa feita por Iahweh à sua alma;

e que, mesmo no meio da mais terrível e desconcertante tribulação, nunca duvidou –títubeando– da palavra que Iahweh inscrevera na sua alma!

E «esperando contra toda esperança», e confiando na prova de fé mais terrível e arrepiante

² Rm 4, 11.

³ Ap 19, 16.

que Deus tenha podido pedir na humanidade a nenhuma pura criatura, depois da Virgem, alçou a sua mão valorosamente, sem titubear!, sem duvidar!, para sacrificar, com a alma dilacerada, na mais dura, dramática e inconcebível imolação, o seu próprio filho; o qual, não só era o filho de todas as suas complacências, mas o herdeiro das promessas de Deus, reiteradamente feitas à sua alma...!; sabendo e confiando, com fé firme e passo valoroso, que as promessas de Deus são irrompíveis, perpetuam-se «de geração em geração», e nunca deixam de cumprir-se.

«Naqueles dias, Deus pôs Abraão à prova. Chamando-o, disse: “Abraão!”. E ele respondeu: “Aqui estou”. E Deus disse: “Toma teu filho único, Isaac, a quem tanto amas, dirige-te à terra de Moriá e oferece-o ali em holocausto sobre um monte que Eu te indicar”.

Abraão levantou-se bem cedo, selou o jumento, tomou consigo dois dos seus servos e seu filho Isaac. Depois de ter rachado lenha para o holocausto, pôs-se a caminho, para o lugar que Deus lhe havia ordenado. No terceiro dia, Abraão, levantando os olhos, viu de longe o lugar. Disse, então, aos seus servos: “Esperai aqui com o jumento, enquanto eu e o menino vamos até lá. Depois de adorarmos a Deus, voltaremos a vós”.

Abraão tomou a lenha para o holocausto e a pôs às costas do seu filho Isaac, enquanto ele levava o fogo e a faca. E os dois continuaram caminhando juntos. Isaac disse a Abraão: “Meu pai”. “Que queres, meu filho?” respondeu ele. E

o menino disse: “Temos o fogo e a lenha, mas onde está a vítima para o holocausto?”. Abraão respondeu: “Deus providenciará a vítima para o holocausto, meu filho”. E os dois continuaram caminhando juntos.

Chegados ao lugar indicado por Deus, Abraão ergueu um altar, colocou a lenha em cima, amarrou o filho e o pôs sobre a lenha em cima do altar. Depois, estendeu a mão, empunhando a faca para sacrificar o filho. E eis que o Anjo do Senhor gritou do céu, dizendo: “Abraão! Abraão!”. Ele respondeu: “Aqui estou!”. E o Anjo lhe disse: “Não estendas a mão contra teu filho e não lhe faças nenhum mal! Agora sei que temes a Deus, pois não me recusaste teu filho único”»⁴.

Que experimentaria a alma santíssima do nosso Pai Abraão, escolhido e privilegiado por Deus para que na sua descendência fossem abençoadas todas as nações pelo Messias Prometido...?!

Quantas coisas passariam pela sua mente naquele caminho longo, pelo qual conduziria o seu filho para a imolação cruenta do sacrifício da sua vida, para oferecê-lo a Iahweh como hino de renúncia, amor, entrega e louvor; ficando com isso como que destruídas todas as promessas que, sobre o seu filho Isaac, o mesmo Deus anunciara-lhe e prometera-lhe que realizaria...!

Que experimentaria no mais profundo da medula do seu espírito o nosso Pai Abraão diante da petição de Deus, como cheia de con-

⁴ Gn 22, 1-12.

tradição; e que ele aceitava com fé inquebrantável de que seriam cumpridas as suas promessas, tal como Iahweh manifestara-lhe, ao mesmo tempo que caminhava com a firmeza e a determinação absoluta de oferecer em sacrifício o filho da promessa...?!

Que sentiria o seu coração dilacerado, no mais recôndito do seu espírito, que, confiando em Deus com fé firme e certa, não duvidava das promessas de Iahweh, que fizera recair sobre ele e a sua descendência para sempre; ao mesmo tempo que ia oferecer em sacrifício o seu «unigênito» filho, que nascera-lhe na velhice de modo tão milagroso, por meio de Sara, já estéril; sobre o qual recaíam todas aquelas promessas feitas pelo mesmo Deus à sua alma, e que agora tinha que sacrificar...?!

Que momento mais perigoso para a sua imperturbável fé, mais dramático, mais desconcertante para a sua alma dolorida e dilacerada, e para o seu braço estendido e sem vacilar, elevando a Deus o seu olhar para, valorosamente, oferecer-lhe não só o seu próprio filho, mas quanto nele e por ele tinha-lhe sido prometido!

Coisa mais terrível que mil mortes para o coração do homem que conhece os pensamentos de Deus que lhe foram revelados, e que, aparentemente, convertiam-se para ele numa insuspeita e inimaginável contradição!

E como não vai compreender a minha alma, e sintonizar com os mais íntimos e incomunicáveis sentimentos do nosso Pai na fé; acriso-

lada, triturada e como que demolida tantas vezes pela terribilidade das provas, umas mais intensas, outras menos, que Deus permitiu que sobre mim viessem...?!

No prólogo ao livro intitulado «A noite da vida», escrevia:

«Na sua primeira parte é todo ele manifestação das experiências da grande prova espiritual da minha vida. Noite terrível pela qual o Senhor me quis fazer passar, para acrisolar-me com fogo lento durante longo tempo, no qual as experiências tristes, amargas e dolorosas da minha alma foram indescritíveis. Noite fechada em prova arrepiante que me tinha em cada momento pendurada e agarrada só e exclusivamente por um “sim” incondicionado à vontade de Deus, que tudo faz ou permite para o bem daqueles que ama.

Enfermidades do corpo e provas terríveis do espírito, amarguras sem consolo e desolação aparentemente sem amparo; mas, por uma misericórdia de Deus, sem mudar nem um ápice a firmeza do meu coração, que, num “sim” constante e aniquilador, respondia ao Amor Infinito, recordando aquela frase da Sagrada Escritura: “Terrível é cair nas mãos do Deus vivo!”⁵.

Sentia o açoite do Pai, como Cristo na cruz, no mais amargo e desolador dos desamparos; recordava as frases de Jesus: “Meu Deus, meu Deus..., por que me abandonaste...?”; e “Pai,

⁵ Hb 10, 31.

se for possível, afasta de mim este cálice”⁶. E também, com Ele, repetia entre soluços ressecos que saíam do mais profundo do meu coração: “contudo, não se faça a minha vontade mas a tua”⁷.

E mais adiante, também, nos diversos temas deste livro, descrevia mais detalhadamente os horrores como de inferno desta prova interior caída sobre a alma:

(Fragmentos)

«Minha alma está pendente no abismo... Clamo continuamente por Ti, e não me respondes...! Foste embora e deixaste-me ferida... Estou ferida de morte...!

A desolação envolve-me, a prova cerca-me por todas as partes, a sensação de ver-me incompreendida é total. Clamo a Deus e faz o surdo comigo... Não tenho aonde acudir...! Estou desfigurada de tanto buscar “um refúgio contra o vento, a procela, o tufão”⁸. O inimigo aproveita-se, sugerindo-me que estou “só”, sem solução, e que perdi Deus para sempre.

Tudo o que me sucede é sem forma, porque eu sinto Deus no fundo profundo do meu espírito, moendo-me e crivando-me como o trigo... Só lamentações de Jó e de Jeremias poderiam sair da minha boca, porque o estado em que me encontro não sei a que o poderia

⁶ Sl 21, 2; Mt 26, 39.

⁷ Lc 22, 42.

⁸ Sl 54, 9.

comparar... Perdi Deus, aparentemente, e com Ele perdi tudo.

Estou numa angústia inexplicável que só Deus pode consolar e só Ele pode tirar; e quando a Ele recorro, responde-me em burla o silêncio: “Aonde está o teu Deus...”, “com quem tiveste agradável convívio?”⁹. Aquele de quem eu sabia que eram seus amores mais suaves que o vinho; Aquele que eu conhecia entre milhares, somente com o ar dos seus perfumes, ao passar perto de mim...

Ó alma minha!, como vieste a tão grande desolação? O que aconteceu entre ti e o Amor Infinito? Quando virá o Esposo para unir-te a Ele aqui ou ali...? Tudo isto fica no incógnito e no silêncio da incompreensão. A minha sensação é que perdi Deus para sempre e que já nunca saberei mais d’Ele...».

«Perdi-te, sem saber porque; busco-te, não sei onde; espero-te, não sei quando; chamo-te, e não respondes... Estou resseca em ânsias de Ti...!».

«Dia a dia vou caminhando pelo caminho da cruz, às escuras, sob a incompreensão mais atroz. Estou só e desamparada. O inimigo não para, não deixa de torturar-me. “Cães numerosos me rodeiam furiosos”¹⁰, e eu só vivo pendente da tua vontade, que agora, experimentalmente, é para mim amarga como o fel».

⁹ Sl 60, 4; 54, 15.

¹⁰ Sl 21, 17.

«A mão de Deus pesa fortemente sobre mim e o seu poder esmaga-me. A minha pequenez assusta-se, o meu ser treme. Toda eu me estremeço e clamo ao Deus do meu coração: Aonde estás? Aonde estás para ir procurar-te até conseguir encontrar-te...?».

«Que terrível, Senhor, a situação em que me vejo...! Como suspiro clamando pelo teu encontro feliz...! Voltarei a encontrar-te? Tardarás muito...? Vem a mim, Senhor, porque necessito de ti para não desfalecer diante de tanto pavor...!

Deus do meu coração...! Aonde estás?!».

«Diante de toda esta borrasca que tenho em cima, minha confiança está em Ti... “Tu és o bastião contra o inimigo...”¹¹. Tu és “minha fortaleza e meu libertador”, sei que “estás comigo”¹², porque a fé o diz a mim. Sei que me amas e que nunca me deixarás... Mas sei como nunca que sou pequena e que sou capaz de tudo».

«Vivo pendente da Infinita Providência, da qual espero em cada momento as forças para poder seguir adiante, confiando somente no amor que o Senhor tem pelos seus; e espero, ainda que como sem esperança, que Ele virá.

Amo, sem experimentar amor, o único que amo na minha vida. Confio, sem sentir confiança, em quem sei que me dará tudo o que

¹¹ Sl 60, 4b.

¹² Sl 17, 2. 3a; 22, 4.

me convém. Sei que Deus é meu Pai e não me deixará só em tão grande aperto; ainda que o único que experimente é uma solidão terrível que até dizê-lo e pronunciá-lo dá-me medo... Senhor, espero, mas estou assustada! Senhor, te amo, mas não sei que classe de amor é o meu.

Também sinto dentro de mim um grande desejo de buscar só a vontade de Deus, e por isso sou incapaz de pedir-lhe que me tire tudo isto. Quando vou a Ele, esmagada pelo peso da minha cruz sem Cristo, busco-o ainda que seja nela, e, ao não o encontrar, sinto desejos de sair correndo e buscar quem me ampare; e então creio que uma força interior, porque tampouco sinto nenhuma força, impulsiona-me a dizer a Deus que me tenha assim até quando Ele queira, que me livre das garras do inimigo, e que só seja eu um *fiat* para a sua vontade infinita, pelo tempo, modo e circunstâncias pelas quais Ele me queira fazer passar...

Isto, como sou pequena, digo-lhe tremendo de medo e quase chorando. Digo “quase”, porque, pela opressão do espírito, nem chorar posso...».

«Meu amor às almas, à Igreja, aos meus Bispos queridos, aos meus sacerdotes, às minhas almas consagradas, aos negrinhos, aos amarelos, está aceso no meu ser, mas não para amá-los com amor sensível, mas para oferecer tudo isto por eles em morte e destruição completa, sem mais experiência diante da minha dor que o silêncio...».

«—Não entra dentro de mim o poder desejar que me livres da minha prova, porque quando parece que toda eu vou reclamar a tua luz ou a tua volta, meu espírito grita: “Se fosse possível, afasta de mim este cálice, mas não seja o que eu quero, senão o que Tu queres!”¹³, já que o único que desejo é estar oferecida pela Igreja e ser recebida por Ti segundo a tua vontade».

«Voltou a chorar minha alma
em pranto contido,
em lamento calado
e em penar dolorido!

Voltou a chorar minha alma...!
Só Deus é testemunha
do porquê silenciado
do meu peito oprimido.

Voltou a chorar minha alma
com tão profundo gemido,
que senti que sangrava
em místico sentido!

Voltou a chorar minha alma,
“ali”, onde eu abrigo
mistérios do Eterno,
só por Ele sabidos.

Voltou a chorar minha alma
do modo indefinido
que me põe morrendo
sem encontrar alívio.

¹³ Mc 14, 36.

Voltou a chorar minha alma
e eu mesma, ao ouvi-lo,
me senti estremecer
pelo seu feridor alarido!

Voltou a chorar minha alma,
e nisso compreendi
que, quanto mais se ama,
o pranto é mais doído.

Voltou a chorar minha alma
em amor acendido
com forte estremecer
pelo seu gozo perdido».

17-5-1977

Abraão confiava cheio de fé, na noite tenebrosa, arrepiante e horripilante do peregrinar da terrível prova, diante do sacrifício em imolação cruenta que Iahweh lhe pedia, e que ele mesmo, com o coração paternal dilacerado, tinha que realizar imolando não só o seu próprio filho, sobre quem recaíam todas as promessas de Deus feitas à sua alma, mas como a demolição de tudo quanto do mesmo Deus recebera.

E naquela dramática situação de luta, sem luta porque a sua determinação de obedecer a Deus era total, absoluta, incondicional, decidida e definitiva; experimentando em todo o seu ser que, pelo sacrifício de Isaac, não só sacrificava o seu próprio filho à vontade de Iahweh que lhe pedia essa terrível imolação, mas que

rompia por outro lado as promessas do mesmo Deus;

confiando na sua palavra, no seu mandato, ao mesmo tempo que na prolongação das suas promessas, alçou a mão para o sacrifício, como pendurado no abismo entre o céu e a terra, com a fé inquebrantável que aquilo lhe pedia e a confiança absoluta na palavra veraz d'Aquele que É, que realiza quanto promete.

No momento cume, inconcebível e quase inimaginável para o pensamento dos homens, Abraão creu com fé firme e inabalável em quanto Deus prometera-lhe; enquanto que estava determinado a sacrificar tudo ao Deus que, enchendo a sua alma de promessas eternas, tudo dera-lhe e tudo pedia-lhe em consumação de sacrifício total; num «tudo» que abarcava a sua alma, o seu corpo, as suas experiências.

E com fé terminante e braço valoroso, confiando por um lado em quanto Deus manifestara-lhe, e, por outro, sem titubear pelo que tinha que realizar no sacrifício do seu filho, oferecido a Deus, só parou-se diante das palavras do Anjo:

«Não estendas a mão contra teu filho e não lhe faças nenhum mal! Agora sei que temes a Deus, pois não me recusaste teu filho único»,

para que detivesse o seu braço e não sacrificasse o seu próprio filho, e com ele demolisse e sacrificasse também as promessas de Deus, confiando «contra toda esperança» em que seriam cumpridas, em rendimento de todo o seu espírito diante da palavra de Iahweh.

«Abraão erguendo os olhos, viu um carneiro preso num espinheiro pelos chifres; foi buscá-lo e ofereceu-o em holocausto no lugar do seu filho.

Abraão passou a chamar aquele lugar: “O Senhor providenciará”. Donde até hoje se diz: “O monte onde o Senhor providenciará”»¹⁴.

«Que noite mais densa envolve o caminho,
marcando uma brecha com a imolação...!,
e na lonjura se escuta um lamento
que diz amoroso: Não temas, minha Igreja,
sou Eu...!

Já entendo...!, é Cristo, meu Esposo,
conheço sua voz!

Ele abre a vereda que leva ao seu encontro;
é dura e estreita, mas pelo seu interior
se apercebem lumes de eternos mistérios,
e, ao chegar ao termo, aparece o Sol!

E ali, naquele Dia de inédito encontro,
o caminho estreito desapareceu,
e surge radiante o Amor...!».

23-8-1977

Por isso, na fé e pela fé de Abraão foram abençoadas todas as gerações do mundo, e as promessas de Deus foram cumpridas segundo o pensamento divino e o desígnio infinito de quem as manifestou, e que o predestinou e ele-

¹⁴ Gn 22, 13-14.

geu para fazer recair sobre ele e a sua descendência a restauração e salvação da humanidade caída, que nos viria por Cristo, o Messias Prometido, «Emanuel, “Deus conosco”»¹⁵; o qual nasceria da sua descendência, da sua estirpe, da linhagem de Davi, como «Rei dos reis, Senhor dos senhores».

«O Anjo do Senhor chamou Abraão, pela segunda vez, do céu e lhe disse:

—“Juro por mim mesmo —oráculo do Senhor— uma vez que agiste deste modo e não me recusaste teu filho único, Eu te abençoarei e tornarei tão numerosa tua descendência como as estrelas do céu e como as areias da praia do mar. Teus descendentes conquistarão as cidades dos inimigos. Por tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra, porque me obedeceste”»¹⁶.

E, diante da consideração da fidelidade de Abraão, e, como conseqüência, dos planos de Deus com relação a ele, e por meio dele a toda a humanidade, realizados segundo o pensamento divino e os seus desígnios eternos; vem-me à memória, em comparação, a desobediência dos nossos Primeiros Pais ao mandato de Deus, que, enchendo-os das graças e dons do Alto, fez-lhes os Pais de toda a humanidade.

Com o fim de que, passado um tempo no Paraíso terrestre, todos os seus descendentes, que também seriam «como as estrelas do céu e

¹⁵ Is 7, 14.

¹⁶ Gn 22, 15-18.

as areias do mar», foram levados para a Eternidade em estado de graça; sem ter que viver e experimentar as concupiscências que nos traz o conhecimento do mal, mas conduzidos pelo caminho em que o Bem supremo colocou-nos para que fôssemos para Ele sem ter que passar pelos terrores da morte nem sofrer as conseqüências dramáticas e arrepiantes que nos trouxe a queda dos nossos Primeiros Pais.

Os quais, como conseqüência da sua desobediência a Deus, romperam os planos de quem os criou só e exclusivamente para que o possuíssem, fazendo-nos perder, a todos os seus descendentes, a possibilidade concedida pelo mesmo Deus, de ser filhos seus, herdeiros da sua glória e partícipes da sua vida divina.

Os planos de Deus romperam-se, destruindo arrepiantemente todos os seus desígnios amorosos sobre nós; ficando numa situação tão arrepiante, que, para poder restaurar-nos, o Infinito teve que tirar da sua potência divina uma nova maneira, tão desbordante e plena de sabedoria e amor, que fosse capaz de reparar infinitamente o Deus três vezes Santo, ofendido pelo homem; levantando este de tal forma da sua prostração, que ficasse restabelecida a sua amizade com Deus e pudesse voltar a chegar a possuí-lo.

E para isto, para que a reparação fosse segundo necessitava, pela sua excelência, a Santidade de Deus ofendida pela criatura; e para que, como conseqüência, esta ficasse restaurada, o Unigênito de Deus se fez Homem.

E pela união hipostática da sua natureza divina e a sua natureza humana na pessoa do Verbo, sendo o Sumo e Eterno Sacerdote que une Deus com o homem, na plenitude e pela plenitude do seu Sacerdócio e o exercício desse mesmo Sacerdócio, fez possível, n'Ele e por Ele, para o louvor da glória de Iahweh, a reparação infinita do Deus ofendido e a remissão dos nossos pecados; readaptando-nos aos planos de Deus rompidos pelo «não» dos nossos Primeiros Pais, aos quais, já no Paraíso terrestre, foi-lhes anunciado que uma Mulher esmagaria a cabeça do dragão:

«Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te esmagará a cabeça e tu lhe ataques o calcanhar»¹⁷.

«Por isso Deus os abandonará até o momento em que der à luz aquela que deve dar à luz. Então o resto de seus irmãos voltará para os filhos de Israel»¹⁸.

Por meio da qual, segundo o profeta Isaías, que anunciou que a Virgem daria à luz um filho e lhe daria por nome «Emanuel, “Deus conosco”», filho da Maternidade divina da Mulher e, portanto, fruto do seu ventre bendito; n'Ele e por Ele, sendo o Unigênito Filho do único e subsistente Deus verdadeiro, Jesus Cristo, seu enviado, em derramamento de compaixão misericordiosa para a remissão dos nossos pecados, foram realizadas todas as profecias dos antigos Profetas sobre o Ungido de Iahweh; o

¹⁷ Gn 3, 15.

¹⁸ Mq 5, 2.

qual foi crucificado, morto e sepultado, e ao terceiro dia ressuscitou glorioso e triunfador do pecado e da morte, e abriu com as suas cinco chagas os Portões largos da Eternidade, fechados pelo pecado de Adão e Eva.

«Ei-lo, o meu servo será bem sucedido; sua ascensão será ao mais alto grau...; era desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento.

Mas ele foi ferido por causa de nossos pecados, esmagado por causa de nossos crimes... Suas feridas nos curaram...

Iahweh fez recair sobre ele o pecado de todos nós... Oferecendo sua vida em expiação, ele terá descendência duradoura, e fará cumprir com êxito a vontade de Iahweh...

“O Justo, meu Servo, justificará a muitos e Ele levará sobre si as suas transgressões. Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões”¹⁹.

Tudo como conseqüência do amor de Deus pelo homem, e como conseqüência da rebelião contra o mesmo Deus dos nossos Primeiros Pais no Paraíso terrestre.

E transcendendo ainda mais longe, o meu espírito remonta-se para os Anjos de Deus. Os quais foram criados numa dignidade de natureza inimaginável, para que possuíssem Deus segundo a sublimidade da sua condição angélica.

E entre todos e sobre todos foi levantado aquele que «Luz Bela» se chamava pela subli-

¹⁹ Is 52, 13; 53, 2b. 3a. 5ac. 6b. 10b. 11b-12a.

midade em participação de Deus à qual foi elevado.

E, diante de tanta grandeza à qual estava sendo sublimado, sendo Lúcifer consciente desta realidade; em vez de, transbordado de agradecimento amoroso, obediente e em acatamento total, prostrar-se desabado em reverente adoração diante da excelência de Deus e da majestade da sua santidade cheia do esplendor da sua glória;

diante de tanta luz, tantos presentes e tanta participação de Deus à qual estava sendo levantado; olhando-se desordenadamente, e, num arrebatamento de soberba inconcebível e inimaginável, descabelada e descaradamente quis ser como Deus.

E cheio de insensatez, reagiu de um modo tão desconcertante, enfrentando-se contra a Santidade infinita de quem, tirando-o do nada, criou-o só e exclusivamente para que participasse da sua mesma divindade –com a distância infinita que existe sempre entre a criatura e o Criador–; que, rebelando-se, exclamou: «Não te servirei!»²⁰.

E nesse instante o desígnio de Deus sobre ele e os que o seguiram, manifestando-se em vontade de fazê-los felizes e partícipes da sua mesma vida divina, ficou destruído, e romperam-se os planos eternos de Deus sobre aquela criatura. E a rebelião de Lúcifer contra o mesmo Espírito Santo, crendo-se como Deus no seu

²⁰ Jr 2, 20.

grito de: «Quem como eu?!», «não te servirei!», exigiu, como consequência de justiça diante da Santidade de Deus ultrajada e ofendida, a criação do inferno, para ser jogado ali, diante da ruptura dos desígnios de Deus sobre ele.

De forma que abriu-se o Abismo insondável da perdição, onde Lúcifer caiu com a velocidade de um raio, desde a altura à qual fora elevado pelo Infinito Criador em sublimidade sobre todos os Anjos.

E como consequência da sua rebelião, não só abriu-se o Abismo, ao qual ele mesmo foi precipitado entre alaridos de calafrios de desespero e amargura, mas que arrastou com ele uma terça parte dos Anjos de Deus:

«Houve uma batalha no Céu: Miguel e seus Anjos tiveram de combater o dragão. O dragão e seus anjos combateram mas não puderam vencer e não houve mais um lugar para eles no Céu. O grande dragão, a antiga serpente, chamada diabo e Satanás, que seduz o mundo todo, foi então precipitado para a terra e com ele os seus anjos»²¹.

«E Jesus lhes disse: “Vi Satanás cair do Céu como um raio”»²².

Ficando aberto aquele «poço» sem fundo de negrura indescritível e profundidade inimaginável, o Vulcão aberto onde caiu Lúcifer e os que, como Ele, de uma ou outra maneira e obstina-

²¹ Ap 12, 7-9.

²² Lc 10, 18.

damente, disseram a Deus: «Não te servirei!»; e de onde não se pode sair...: daquela masmorra que irremisivelmente atenaza os que ali são introduzidos, na prisão eterna dos inimagináveis tormentos que traz, como conseqüência, à criatura, o rebelar-se contra o seu Criador!

E digo «obstinadamente», porque, para o homem redimido pelo Sangue do Cordeiro Imaculado, pelo mistério da sua Encarnação, vida, morte e ressurreição gloriosa, abriram-se os Mananciais refrigerantes das águas que brotam desde o Seio do Pai derramando-se por Cristo e no amor do Espírito Santo para a humanidade caída; lavando e vivificando todos os que venham beber das águas da vida, através dos Sacramentos, no seio muito amplo, divino e divinizante da Santa Mãe Igreja; e nela e por ela, todos aqueles que, de alguma maneira, busquem sem encontrá-la e recebam a sua influência na Fonte dos divinos e eternos mananciais do seu seio de Mãe.

«Ouvi uma voz forte do Céu que dizia: “Chega agora a salvação e o poder e o reino de nosso Deus e a autoridade de seu Cristo, porque foi precipitado o acusador de nossos irmãos, aquele que os acusava diante do trono de nosso Deus dia e noite. Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra de seu testemunho”»²³.

Pergunto-me o maravilhoso que tivessem sido os planos de Deus sobre a criação, com todas as suas criaturas, especialmente as racionais, criadas para possuí-lo, se Lúcifer não se tivesse

²³ Ap 12, 10-11a.

rebelado contra Ele, ofuscado descarada e soberbamente, com o seu terrível desatino de «não te servirei!»; e, como conseqüência, não se tivesse convertido num diabo arrepiante e malignamente diabólico, que, no seu desespero, lançou-se e lança-se, levado pela sua maldade, a danificar a humanidade para tirar-lhe o bem que ele perdeu;

fazendo cair os nossos Primeiros Pais no Paraíso terrestre, levando-os e levando-nos todos à situação dramática em que nos encontramos pela desobediência de Adão e Eva no momento da prova; prova que era para que, humildemente, se rendessem diante da excelência da Majestade divina em derramamento sobre eles, e assim levantá-los à sua posse.

Mas que, instigados pelo diabo, desobedeceram a Deus e, pelo pecado deles, todos os homens ficamos sem poder possuí-lo, e para sempre! Que terrível é dizer não a Deus!

Diante do qual Cristo, pendurado entre o Céu e a terra, é o «Sim» infinito de reparação diante de Deus, e o «sim» do homem em restauração redentora de compaixão misericordiosa sobre a humanidade caída.

Por isso não poderia expressar, por mais que procurasse manifestá-lo, o que esta manhã, durante a Santa Missa, viveu e experimentou a minha alma de orgulho, de amor e veneração pelo Pai, na fé, de todas as gerações; das quais eu sou só como uma palhinha levada, trazida e sacudida pelas ondas, perdida nos oceanos imen-

sos dos insondáveis mares, como uma diminuta parte da poeira da terra...

Como poderá expressá-lo a minha alma, cheia de veneração a Deus e à fidelidade absoluta e total do nosso Pai Abraão, que, «crendo contra toda esperança», não duvidou em nenhum momento de fazer quanto Deus lhe pedia, na noite mais tenebrosa da sua vida...!

Se Abraão, como os nossos Primeiros Pais, não tivesse confiado em Deus, e a sua fé se tivesse quebrantado, que novo cataclismo teria podido suceder, depois do pecado de Adão e Eva, diante da dúvida, desobediência ou rebelião de Abraão, do qual e pelo qual, da sua descendência, nasceria o Messias Prometido, o Libertador da humanidade que tira os pecados do mundo?

Mas, porque a sua fé foi firme e a sua obediência a Deus determinante e completa, foram-lhe confirmadas as promessas de Iahweh, e, por isso, foram abençoadas nele, através da sua descendência, todas as gerações.

Se Abraão, diante da prova tão forte à qual o Senhor submeteu-lhe para a manifestação do seu infinito poder derramando-se em complacência sobre a sua criatura e, neste caso, sobre o mesmo Abraão, não tivesse sido fiel «esperando contra toda esperança» e confiando nas promessas de Iahweh –que foram cumpridas e realizadas, segundo o pensamento divino, sobre ele e a sua descendência para sempre, na medida da sua fidelidade aos planos eternos de

Deus, pela vinda do Messias e a restauração da humanidade caída—;

o mesmo Deus tivesse tido, ao ficarem rompidos os seus planos eternos, que inventar uma nova maneira para realizá-los; e Abraão teria produzido uma nova catástrofe, como os nossos Primeiros Pais no Paraíso terrestre; e, indo ainda mais longe, todavia, como Lúcifer, que, ao ver-se tão enaltecido por Deus, rebelou-se com o seu grito de «não te servirei», com a conseqüência funesta e arrepiante da criação do inferno para ele e para aqueles que, como ele, obstinadamente, rebelaram-se contra Deus.

Pelo que a Abraão a sua fé e a sua confiança em Deus foram-lhe computadas como justiça.

«Abraão, nosso pai, não foi justificado pelas obras quando ofereceu sobre o altar Isaac, seu filho? Vês como a fé cooperava com as suas obras e como pelas obras se tornou perfeita a fé? E se cumpriu a Escritura, que diz: “Mas Abraão teve fé em Deus e lhe foi contado como justiça e ele foi chamado amigo de Deus”»²⁴.

«Ele, esperando contra toda a esperança, creu e tornou-se assim pai de muitos povos, conforme lhe fora dito: Tal será tua descendência. E foi sem vacilar na fé que considerou seu corpo já morto —ele tinha cerca de cem anos— e o seio de Sara também morto.

Ante a promessa de Deus, ele não se deixou abalar pela desconfiança mas se fortaleceu

²⁴ Tg 2, 21-23.

na fé, dando glória a Deus, convencido de que podia cumprir o que prometeu. Eis por que isto lhe foi levado em conta de justiça»²⁵;

de forma que, da sua descendência, segundo o desígnio infinito d'Aquele que É sobre o homem e a criação, e depois do «não» dos nossos Primeiros Pais, no Paraíso terrestre, «o Verbo se fez carne e habitou entre nós», nascido da estirpe de Davi e filho de Abraão, «pai de todos os crentes». E ao realizar-se o desígnio divino segundo os pensamentos eternos de Deus, o Ungido de Iahweh, o Prometido às nações, o Restaurador da humanidade, foi descendente legítimo de Abraão; e, portanto, de Isaac, de Jacó, de Judá e Davi, e de Maria.

Pela fé de Abraão: «sendo que eles são israelitas, a eles pertencem a filiação adotiva, a glória, as alianças, as leis, o culto, as promessas e também os patriarcas, deles é que descende, quanto à sua humanidade, Cristo, o qual está acima de todos, Deus bendito para sempre. Amém»²⁶.

Bendita a fidelidade de Abraão, que mereceu que da sua descendência, portanto, do Povo hebreu, nascesse o Messias, sendo a «Glória de Israel e Luz dos gentios»²⁷!; como cumprimento da vontade de complacência de Deus, de que a sua descendência seria como as estrelas do céu e as areias do mar, que abarcaria todos os confins da terra; vindo do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul:

²⁵ Rm 4, 18-22.

²⁶ Rm 9, 4-5.

²⁷ Lc 2, 32.

«O Senhor descobriu seu braço santo à vista de todos os povos, para que todos os confins da terra vejam a salvação de nosso Deus»²⁸;

sendo todos, judeus e gentios, herdeiros da Grande Promessa do «Emanuel, “Deus conosco”» que nasceria de uma Virgem.

Pelo que, por Abraão, somos abençoadas e bem-aventuradas todas as gerações, mediante o fruto da sua fé; pois «creu contra toda esperança» que as promessas de Deus seriam cumpridas, segundo Aquele que o elegeu de entre todas as nações para ser o pai de todos os crentes.

«A fé é um modo de já possuir o que ainda se espera, a convicção acerca de realidades que não se vêem.

Foi a fé que valeu aos antepassados um bom testemunho.

Foi pela fé que Abraão obedeceu à ordem de partir para uma terra que devia receber como herança, e partiu, sem saber para onde ia. Foi pela fé que ele residiu como estrangeiro na terra prometida, morando em tendas com Isaac e Jacó, os co-herdeiros da mesma promessa. Pois esperava a cidade alicerçada que tem Deus mesmo por arquiteto e construtor.

Foi pela fé também que Sara, embora estéril e já de idade avançada, se tornou capaz de ter filhos, porque considerou fidedigno o autor da promessa. É por isso também que de um só homem já marcado pela morte, nasceu a mul-

²⁸ Is 52, 10.

tidão comparável às estrelas do céu e inumerável como a areia das praias do mar.

Foi pela fé que Abraão, posto à prova, ofereceu Isaac; ele, o depositário da promessa, sacrificava o seu filho único, do qual havia sido dito: “É em Isaac que uma descendência levará o teu nome”. Ele estava convencido de que Deus tem poder até de ressuscitar os mortos, e assim recuperou o filho, o que é também um símbolo»²⁹.

Pelo que a minha alma, sentindo-se filha de Deus e enxertada em Cristo como os sarmentos na videira³⁰; e por ser Igreja Católica e Apostólica –a Jerusalém restaurada e cimentada sob a Sé de Pedro–, filha de Abraão, segundo as promessas de Deus feitas à sua alma; e predestinada e eleita por Aquele que É como o Eco da Santa Mãe Igreja em manifestação dos seus cantares –especialmente desde o dia 18 de março de 1959, desde o tempo do Concílio–, para manifestar os pensamentos ocultos em Deus, cheios de promessas e realizados em e pela Descendência de Abraão, da tribo de Judá e da estirpe de Davi: o Messias Prometido, nascido da «Mulher que esmagaria a cabeça do dragão com o Fruto do seu ventre bendito»³¹, em Belém de Judá:

–«Tu, Belém de Éfrata, pequenina entre os mil povoados de Judá, de ti há de sair Aquele que dominará em Israel»³²–;

²⁹ Hb 11, 1-2. 8-12. 17-19.

³⁰ Cf. Jo 15, 5a.

³¹ Cf. Gn 3, 15; Lc 1, 42.

³² Mq 5, 1.

pensamentos e promessas que necessito, com fé inquebrantável nas petições e nas palavras de Deus ao meu espírito, ir comunicando com tudo quanto o mesmo Deus manifestou-me com o mandato de: «Vai e dize-o...!»; «Isto é para todos...!»;

a minha alma, nesta manhã, rompe num hino de louvor a Deus, que fez tais maravilhas pela fé de Abraão, diante da experiência que vivi na leitura da Santa Missa sobre as promessas de Deus feitas ao nosso Pai na fé, e a imolação de Isaac, o filho das promessas de Iahweh à sua alma;

promessas que ele tinha que imolar também em sacrifício, como em rendição de louvor à glória de Deus, que, manifestando-se em vontade, pedia-lhe a renúncia de tudo quanto tinha inscrito e como gravado com fogo no mais profundo da medula do seu espírito e no mais recôndito do seu coração, pela imolação cruenta e sangrante do seu unigênito filho.

«Nada dizes quando pedes,
Jesus de infinitos dons;
e tudo dito fica
no modo indefinido
de Tu *ser-te* explicações.

Pois tua petição é fogo
que corrói as entranhas,
brasa que resseca o ser
quando, em olhar profundo,
te imprimes dentro da alma.

Ainda que a tua voz seja suave
em infinita harmonia,

também, qual flecha candente,
fere perfurando fundo
em teus fogos acesa.

Por isso, quando me falas,
atrás do teu olhar impelido,
surgem em mim as saudades
por cumprir a petição
que a minha alma deixou ferida.

E, se sinto que me olhas,
em prostração adorante
espero que te pronuncies,
para cumprir quanto pedes,
indo onde Tu me mandes.

Pois são terríveis tuas vozes,
que, na força do seu brio,
impellem a alma amante,
lançada por teu querer,
com imenso poderio.

Pede-me, Jesus, mirando,
que, diante de Ti, rendida vivo!».

5-9-1975

E, diante de quanto esta manhã estava vivendo, penetrando e compreendendo sobre a grandeza do nosso Pai Abraão;

com o qual tão profunda e intimamente sinto-me unida pelas promessas, cheias de palavras, que Deus põe na minha alma para que as manifeste;

e que, à imitação do santo Patriarca, tenho que realizar desde a limitação, ruindade e pobreza da minha miséria, com a máxima fide-

dade que possa, com fé inquebrantável, em imolação cruenta ou incruenta da minha vida, feita oferenda pela glória de Deus e da sua esposa, a Igreja, a Universal, Eterna e Celestial Jerusalém, no meio de tão contínuas e dramáticas situações nas quais se desenvolve a minha vida; que me pareceram esta manhã, durante o Santo Sacrifício da Missa, comparadas com as de Abraão, tão pequeninas e ridículas, tão poezinhas como na minha limitação o vivo;

cheia de santo orgulho, tão cheia de comoção e impregnada de amor e gozo no Espírito Santo pelo santo Patriarca, toda a minha alma irrompia em louvores a Deus, agradecendo-lhe quanto tinha-nos concedido pelo «sim» incondicional da fé irreduzível do nosso Pai Abraão, e o da Santíssima Virgem diante do anúncio do Anjo, louvada por Isabel:

«Bem-aventurada aquela que acreditou, porque será cumprido, o que o Senhor lhe prometeu»³³.

E tão profundamente vivia tudo isto invadida pela emoção que sentia, sem podê-lo manifestar como desejava pela pobreza e limitação das minhas palavras, que fez com que os meus olhos, ressecados pelo Sjögren que padeço, ficassem úmidos como em necessidade urgentíssima de romper em pranto de agradecimento diante do que a minha alma estava vivendo e experimentando durante o Sacrifício incruento do Altar, onde o Filho Unigênito de Deus se

³³ Lc 1, 45.

oferece e se nos dá em bebida e alimento que nos dá a vida eterna;

necessitando romper em louvor a Deus, e bendizendo Abraão pela sua fé inquebrantável, que me impelia a manifestar como pudesse a sua grandeza, louvando-o e bendizendo-o, cheia de agradecimento e amor pela sua fidelidade à vontade divina e aos desígnios eternos sobre ele, e por ele sobre todas as nações da terra.

«Bendito seja o Senhor, Deus de Israel,
porque a seu Povo visitou e libertou,
e fez surgir um poderoso Salvador
na casa de Davi, seu servidor,
como falara pela boca de seus santos,
os Profetas desde os tempos mais antigos.

Para salvar-nos do poder dos inimigos
e da mão de todos quantos nos odeiam;
assim mostrou misericórdia a nossos pais,
recordando a sua santa Aliança
e o juramento a Abraão, o nosso pai»³⁴.

Uma vez mais, e de uma maneira intensíssima, experimentei-me descendência de Abraão, e não só como os gentios, mas como do Povo de Israel, pelas palavras que, cheia de fé e impregnada de esperança, escutei no Sacrário: «Tu és meu Povo»; por ser o Eco da Santa Mãe Igreja, a Nova Sião, que agrupa dentro das suas muralhas os homens de todos os lugares da terra, segundo as promessas de Deus, feitas «a Abraão e à sua descendência para sempre».

³⁴ Lc 1, 68-73.

Por isto, diante das palavras de um Prelado que escutava algo, nada mais, do que a minha alma vive com relação ao Povo de Israel, o qual disse: «Esperemos que não se faça hebréia a Mãe Trindade»;

veio-me, como resposta, esta pequena, mas profunda reflexão:

Porque sou Igreja, filha da Nova e Celestial Jerusalém, fundada por Cristo e encomendada aos seus Apóstolos, e por ser esposa de «Cristo e Este crucificado»³⁵;

sou e experimento-me, em todo o meu ser hebréia, parte da descendência de Abraão segundo o prometido por Iahweh:

«Eis a minha aliança contigo: tu serás pai de uma multidão de nações. Já não te chamarás Abrão mas o teu nome será Abraão, porque farei de ti o pai de uma multidão de nações... Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra»³⁶.

Já que da descendência da sua raça nasceria o Messias Prometido, «Glória de Israel e Luz dos gentios».

Portanto, eu não necessito fazer-me hebréia para ir por parte de Deus a buscar os filhos de Israel, meus irmãos maiores, que ainda estão dispersos, para que descubram a face de Cristo no rosto da Igreja, porque o sou pela promessa de Deus feita a Abraão, «pai de todos os crentes».

E assim mesmo, porque sou o Eco da Santa Mãe Igreja, Deus envia-me como expressão dos

³⁵ 1 Cor 2, 2.

³⁶ Gn 17, 4-5; 12, 3b.

cantares da Nova e Celestial Jerusalém não só aos membros da Igreja, mas também aos filhos de Israel para manifestar-lhes:

«Eu sou» envia-me a vós...!, para mostrar-vos o Ungido de Iahweh, o Messias Prometido, «Rei dos reis e Senhor dos senhores», Jesus de Nazaré, o descendente de Israel, nascido da estirpe de Davi, de uma Virgem que daria à luz um filho e lhe daria por nome «Emanuel, “Deus conosco”»;

que, nascendo num presépio em Belém de Judá, depois de passar pela terra fazendo o bem, como «caminho, verdade e vida»³⁷ que nos conduz à Casa do Pai, foi crucificado, morrendo na cruz para tirar os pecados do mundo.

«Não quiseste sacrifícios nem oblações, mas me preparaste um corpo. Os holocaustos e sacrifícios pelo pecado não os recebeste. Então Eu disse: “Eis-me aqui, venho –no volume do livro está escrito de mim– para fazer, ó Deus, a tua vontade. Deus meu, Eu quero, e levo a tua lei nas minhas entranhas”»³⁸–;

restaurando-nos pelo mistério da sua Encarnação, vida, morte e ressurreição, e ressuscitando-nos para uma vida nova, para readaptar-nos, depois da ruptura dos planos de Deus por nossos Primeiros Pais, ao fim para o qual fomos criados à imagem e semelhança do mesmo Deus, fazendo-nos filhos seus, herdeiros da sua glória e partícipes da sua vida divina.

³⁷ Jo 14, 6.

³⁸ Hb 10, 5-7 = Sl 39, 7-9.

Realizando-se em Cristo, com Ele e n'Ele todas as promessas feitas por Deus à humanidade por meio de «Abraão», «de geração em geração», «e a sua descendência para sempre»³⁹.

Pelo que é justo, digno e necessário que reconheçamos Abraão como Pai de todos os crentes, judeus e gentios; e rompendo em louvores, demos glória ao Pai, glória ao Espírito Santo e glória ao Unigênito de Deus, Jesus Cristo, seu enviado, «o Cordeiro que tira os pecados do mundo»⁴⁰, único capaz de abrir o livro dos sete selos.

Diante do qual com todos os Anjos, Arcanjos, Querubins e Serafins, e Santos do Céu, clamemos com uma só voz:

«Santo, Santo, Santo é o Senhor dos exércitos, toda a terra está repleta de sua glória!»⁴¹.

«Àquele que nos ama e que nos salvou de nossos pecados por virtude de seu Sangue e nos fez um reino, sacerdotes de Deus seu Pai, a Ele a glória e o império pelos séculos dos séculos. Amém.

Ei-lo que vem com as nuvens. Todos os olhos o verão, mesmo os que o traspassaram. Todas as tribos da terra hão de lamentar-se. Sim. Amém. Eu sou o alfa e o ômega, diz o Senhor Deus, Aquele que É, que Era e que Vem, o Todo-poderoso»⁴².

³⁹ Lc 1, 50. 55.

⁴⁰ Jo 1, 29.

⁴¹ Is 6, 3.

⁴² Ap 1, 5b-8.

PORQUE CREIO NA VIDA ETERNA, ABRASO-ME NAS MINHAS SAUDADES PELO ENCONTRO DEFINITIVO COM O AMADO

E enaltecida pela fé de Abraão, «pai de todos os crentes», repleta de esperança nas promessas de Deus, e acesa nas chamas refrigerantes do Espírito Santo, volto a entoar a minha canção de:

Eu tenho fé... E «creio na vida eterna».

«Ó que mistério tão verdadeiro é o da Eternidade...! –escrevia aos 10 de novembro de 1961–. Toda a minha alma, iluminada pela fé, está rebentando em felicidade de tanto ter esperança na Eternidade.

Experimento que a minha vida é uma antecipação desse dia eterno no qual, fechando os olhos ao desterro, encontrar-me-ei face a face, para sempre, contemplando o Ser no seu ser rebentando em Três... Para sempre...!

Ó Dia eterno da Eternidade, tão profundamente te incrustaste na minha alma, que és tu e só tu o único centro de atração para mim neste desterro...! Saboreio-te sem chamar-te; espero-te segura; corro em tua busca, enamorada. Preciso de ti porque és meu princípio, meu fim e minha vida; és minha parte e minha herança. Só para ti nasci, e não poderei ser feliz

plenamente, nem descansar, até que me sacie na luz do teu semblante...!

A morte, para mim, não é morte, é a porta que se abrirá a mim para esse dia eterno, amanhã!, no qual, perdida na espessura infinita do teu incomensurável ser, eu estarei abismada, roubada e possuída pela simplicidade silenciosa e simples da tua imutabilidade.

Ó Eternidade querida!, é possível que não sejas um sonho nem uma coisa longínqua...? Não!, és mais minha que eu mesma e mais vizinha que a minha mesma alma. É possível que amanhã eu esteja engolfada em ti para sempre, contemplando-te face a face, metida na sabedoria profunda do Gerador eterno, expressando num júbilo ditoso com o Verbo, abrasada na corrente divina, pacífica, silenciosa e avasaladora do amor do Espírito Santo...?».

«Se o Amor me chamasse,
eu lhe responderia,
e em seu seio entraria
dentro da sua câmara...

E ali Ele me diria
sua infinita Palavra,
e eu responderia
toda a Ele retornada...

Ó se o Amor eu visse
na luz da sua face...!
O olharia tanto,
que n'Ele me transformaria,
fazendo-me um poema
que sua glória cantasse...

E, se entrasse em seu amor
e com Ele me abrasasse
na luz do seu fogo
e na união das suas fráguas,
eu me faria torrente
de cristalinas águas,
repletando, em minhas fontes,
a quem a mim se avizinhasse...

Se viesse o Amor
eu com Ele ia embora!».

22-10-1971

«A minha esperança não tem limites...! É segura como a morte, vizinha mais do que eu mesma, saborosa como o mesmo Deus...!

A minha fé é uma antecipação do Céu... A Eternidade roubou-me e vivo possuída pela sua esperança...!».

«Faz algum tempo que uma esperança pacífica, silenciosa e verdadeira, afunda-me na Eternidade; esperança que é atualizada e vivificada por uma fé constante e tão certa que quase deixa de ser fé.

Eu sei que a Eternidade é como a minha fé me apresenta e a minha esperança a espera, e não a vejo como uma coisa longínqua. Vejo que a vida do homem é como um sopro sobre a terra, “ele floresce como as flores do campo: apenas bafeja o vento, já não existem”¹, e, portanto, que toda esta dita tão imensa e verdadeira da Eternidade é amanhã...!».

¹ Sl 102, 15-16.

«*Quando sonho que Deus chega*
na noite lastimosa do desterro,
comovem-se exultantes minhas entranhas,
e meu espírito, resseco pelo meu anelo,
sente-se refrigerado
pela brisa do Eterno.

Quando sonho que Deus chega,
e apercebo o contato do seu beijo,
e rumorejo seus passos,
e saboreio seu alento,
e vislumbro os luzeiros
que rebentam do seu peito,
rompo em pranto, e, cruzando os abismos
que separam nosso encontro,
a Ele me lanço pressurosa, sem parar-me
nos perigos
que, no meu passar, vou tendo.

Quando sonho que Deus chega,
após a noite do desterro,
sinto ranger minha entranha
com a brisa do seu vôo.

Quando sonho que Deus chega,
desperto sempre nos céus,
nos céus da minha fundura,
onde Ele mora contente.

Quando sonho que Deus chega,
meu sonho passa num vôo».

29-1-1973

E a minha alma, ferida de amor pela luz refulgente do Deus eterno, geme em saudade pelo seu encontro definitivo, e o anela ofegante, em

torturante sede, «como a corça suspira pelas águas correntes»².

«Ó Eternidade infinitamente santa, na qual a alma pequenina e sedenta de justiça e verdade saciar-se-á face a face com as divinas Pupilas, na contemplação da tua divina Face...!

Ó Eternidade, Eternidade...!, és a apetência saboreável da minha alma desterrada, a necessidade urgente de todo o meu ser inadaptado a este lugar de mentira, de incompreensão, de dor e de prova...

És tu, ó Eternidade querida!, a necessidade, em saciedade, da minha alma enamorada e capturada pela formosura do teu rosto...

Conheci-te e enlouqueciste-me de amor, ó Cidade de Deus!, onde eu estarei eternamente embriagada no festim divino do meu celestial Esposo; onde, em tua verdade, a minha fecundidade repleta e perdida na Fecundidade divina, estará com teus filhos e meus filhos, sendo um louvor perfeito da tua divindade...

Encontrei-te, conheci-te e penetrei que tu só és a única capaz de saciar esta sede ardente que me devora de amor, justiça, verdade, fecundidade e virgindade...».

«Ó, que desejos como infinitos de saciar-me naquele Manancial onde brota a água da tua

² Sl 41, 2.

divina sabedoria...! à qual fui levada e contemplei [...] na luz do teu ser...

E tão divinamente a meu Deus contemplei, que, na sua mesma harmonia, com meu Verbo cantei, abrasada no fogo do meu divino Amor, aquele Concerto eterno que, no seu *ser-se* imutável, *se é* meu eterno Sol...

E depois de olhar-te e de ver-te na tua luz, vi-me qual desterrada, perdida e abismada, sem a luz incriada que em teu ser contemplei... E fiquei sem ver-te no teu eterno olhar, sem cantar-te no teu ser, sem amar-te no teu amor na luz infinita do teu eterno saber...

E ainda que saiba que te sei na pobre treva do meu pobre saber, agora sei que te canto sem saber-te cantar no teu ser; agora sei que te amo na espessa treva deste obscuro entender...

E ao olhar-te, dizer-te e amar-te sem sabê-lo saber, eu encontrei a dita, no meu pobre desterro, de viver no teu ser na espera do dia, no qual o amor infinito da tua eterna Verdade, deposite na minha alma aquele beijo imutável que me dê face a face saber o mistério infinito da minha eterna Divindade.

Um dia a ver-te irei, ó Eternidade querida, para sempre..., para sempre... E ali perder-me-ei para sempre!, na luz luminosa da tua eterna pupila...

Ó Amor...! enquanto chega aquele dia no qual eu estarei abismada no teu ser na luz dos teus Olhos, enquanto chega aquele dia em que a Ti te terei para sempre, sem poder-te perder,

minha postura será: na cruz com o meu Cristo cosida ao madeiro da minha imolação; sofrendo esta sede de Eternidade que me abrasa;

morando no desterro e sofrendo o martírio do desamor a Deus por parte dos meus irmãos e dos meus filhos; exercendo meu sacerdócio, cravada entre o Céu e a terra, na minha missa incruenta da minha imolação total. Sim, na cruz com meu Verbo, no Seio do Pai, metida no regaço divino, sustentada pelos braços da Paternidade infinita e beijada pelo beijo imutável do Espírito Santo...!».

«Adora a alma minha no silêncio,
respondendo amorosa ao seu Amador;
se entrega como pode em sua saudade,
clamando por de novo ouvir sua Voz.

A esposa foi chagada lentamente
diante do passo silente do Amor,
e vaga, suspirando, com gemidos,
ver a luz do Eterno Resplendor.

Oprimida em vivências melancólicas,
espero num amanhã de anelo,
com triunfos de conquistas do Amado;
a cruz será o caminho para o Senhor!

Esperas prolongadas de segredo,
anelos reprimidos com tremor
me pedem os amores do Imenso,
em doces apetências de visão.

Nada é tão fundo qual viver sonhando
no toque sagrado do meu Deus!

Saudades recarregadas de saudades...,
esperas prolongadas de opressão...,

doces melancolias silenciadas,
envoltas e repletas de dor...

Um dia luminoso de esperança,
seguro em sua conquista para meu Sol,
é o Imenso que, ao seu doce passo,
vestido de sua luz e seu esplendor,
me lança com poder para seu encontro,
carregado do mistério do seu dom».

4-12-1974



Eu tenho fé... E a minha fé é segura, firme e inquebrantável, não pelo que eu sinto ou viva, mas porque me foi dada pela minha Santa Mãe Igreja, infalível ao transmitir a palavra que o Verbo lhe entregou; e a minha esperança é certa porque me foi infundida pela minha Igreja Santa com a minha fé no dia do Batismo e foi fazendo-a crescer na minha alma com os seus ensinamentos e com os dons e frutos do Espírito Santo.

E por ser Igreja, e dentro desta Santa Mãe seu Eco, Deus, no seu plano eterno, quis mostrar-me na sua luz os seus mistérios, para que cantasse e contasse a todos as riquezas da Igreja.

Por isso muitas vezes dignou-se, por um desígnio seu incompreensível, levar-me ao seu seio, o qual deixou minha alma ferida de morte em desejos da posse em plena luz do Deus eterno.

No dia 30 de abril de 1960, escrevia: «Deus introduziu-me de novo, quase como aos 18 de

março de 1959, de uma maneira profundíssima e inimaginável, na fundura insondável do Mistério da sua vida;

levando-me à profundidade da sua Virgindade transcendente, intocável e insondável!, para que contemplasse aquele *Sancta Sanctorum* da adorável Trindade, velado e oculto; no qual o Pai, rompendo em resplendores de santidade, no instante-instante sem tempo de Eternidade infinita e abrangente de Deus *ser-se* Aquele que *se É*, irrompia gerando o seu Verbo, em gerar supremo de infinita e amorosa Sabedoria no abraço infinito e mútuo do Espírito Santo.

[...] Foi-me levantado o véu do *Sancta Sanctorum* onde Deus oculta-se!

E introduzindo-me o Infinito Ser na sua câmara nupcial, surpreendi aquele Mistério infinito e inacessível, que só Deus vive, e no qual não se pode entrar sem ser levada por Ele à fundura da sua câmara nupcial de infinita e eterna Santidade, coberta pelo véu do *Sancta Sanctorum* da sua Virgindade transcendente».

«E ali, [...] fui introduzida!, sem poder compreender como pude entrar; e muito menos como, depois de ter saído, pude seguir vivendo ainda durante tantos anos.

Mas, sim pude vislumbrar algo de porque colocou-me Deus naquele *Sancta Sanctorum* tão fundo, de transcendência infinita.

Onde Ele mesmo imprimiu-me que não se podia entrar; coisa que devia comunicar. Ao

mesmo tempo que tinha que manifestar que esta pequena, assustada e trêmula filha da Igreja entrara por uma vontade infinita do Eterno Ser, somente para ajudar a Igreja com quanto, para que o comunicasse, Ele, introduzindo-me no seu Mistério, fazia-me viver.

Só para ajudar a Igreja!, [...] Só para isso!!

E por este meio tão sublime e tão inexplicável para mim, glorificar-se a si mesmo através da última, desprezável, inculta, desvalida e pobrezinha filha da Santa Igreja Católica, Apostólica e sob a Sé de Pedro.

À qual, a minha pobrezinha alma trêmula, tinha que manifestar com o entorpecido repicar da minha voz, como o Eco somente, diminuto, assustado e gaguejante, do Povo de Deus.

“Silêncio...! Silêncio...! –exclamava atônita diante do que a minha alma estava contemplando–.

Silêncio...! Que foi alçado e descoberto o véu virginal de recato indizível que *se é* Deus, para que os seus filhos, por um mistério infinito de amor eterno que o homem jamais poderá compreender, possam surpreender-lhe naquele ponto, em que o seio divino, rebentando, como em cataratas e cataratas de batalhões e batalhões de Virgindade de ser, em Virgindade fecunda, rompe em Paternidade...!

Silêncio...! Silêncio...! Que, em adoração perene e surpresa indizível, estão todos os Bem-aventurados com um ó! de surpresa eterna, atônitos!, contemplando o Eterno *Oriens* surgindo

das entranhas virginais do fecundo Pai, em Canção infinita de vida divina...!

Silêncio...! Que naquele ponto misterioso e secreto do *ser-se* do Ser, no abraço eterno do Espírito Santo e nas asas virgíneas da sua coeterna Virgindade, estão se beijando na sua mesma Boca, rompendo numa alegria de gozo indizível, as três divinas Pessoas em união trinitária de Família Divina.

O Céu consiste numa surpresa eterna, em adoração perene de admiração surpreendente, diante da contemplação do Eterno *Ser-se*, sempre *sendo-se* e sempre sido!, na sua Virgindade eterna rompendo em Três...

Isto sim que é festa no Seio-Amor...!, na Entranha mesma do Entranhador...!, na grande surpresa daquele ponto-ponto em que *está sendo-se* o Eterno Sol...!”.

[...] E estando contemplando e vivendo tudo isto no gozo dos Bem-aventurados, num instante-instante de mistério indizível!, senti-me introduzida, de uma maneira surpreendente e incompreensível, na fundura sacrossanta do Arcano do *Sancta Sanctorum* do Infinito Ser;

surpreendendo a vida imutável e inefável da adorável Trindade no ponto misterioso, velado e oculto, onde, em rompentes de infinitas cataratas de sabedoria amorosa, o Pai irrompe gerando o seu Verbo no abraço coeterno e infinito do Espírito Santo.

“Ó...! Silêncio...! Silêncio...!

Silêncio...!! Respeito...! Adoração...!

Que estou surpreendendo a terribilidade terrível do *ser-se* do Ser, rebentando numa brisa infinitamente silenciosa de harmonia caladinha, rompendo em Três...!!; em Três divinas Pessoas de subsistência coeterna e infinita! naquele ponto-ponto! no qual Deus *se é...*; para que, introduzindo-me dentro d'Ele, surpreenda-o no instante-instante de *ser-se* aquilo que é, e de *estar-se-o* sendo, e de como o é, e pelo que *se o é*.

Silêncio...! Silêncio de adoração, em veneração profunda...! Que me está sendo levantado o véu da Infinita Virgindade, para introduzir-me no *Sancta Sanctorum* da adorável Trindade...!!

E minha alma, subjugada..., roubada... e prostrada em reverente adoração, surpreende e contempla o instante-instante no qual Deus *se é...*!

E, como os Bem-aventurados, rosto no chão, adoro aquele Mistério indizível de majestade soberana, onde ninguém pode entrar se não é convidado e levado pela mesma mão do excelso Ser que, escorrendo o véu da sua Virgindade, introduz-nos no festim infinito da sua eterna felicidade...

Silêncio...! Silêncio...! Silêncio...!

Que me está Deus escorrendo o véu do seu *Sancta Sanctorum*...!! E, em convite amoroso, está introduzindo-me onde Ele, para que o surpreenda no instante velado de recato indizível, de Virgindade eterna e transcendente, no qual Ele *se é...*

Silêncio...! Silêncio...! Silêncio...!

Ó fecundidade, fecundidade das entranhas entranhadoras do Eterno Sol...!! Tu *te és*, por *ser-te* o Santo, o Intocável, a Virgindade eterna rompendo em Paternidade.

Silêncio...! Silêncio...!

Em silêncio..., metida no Seio-Amor..., no *Sancta Sanctorum* do Intocável..., a minha alma, aderida ao Espírito Santo, beija com o beijo da boca divina o ponto mesmo da fecundidade geradora do Pai rompendo num Filho de virgindade eterna...

Silêncio...! Que se está expressando a Virgindade eterna num Filho... Que se está beijando, num Beijo misterioso de eterno silêncio, na Luz infinita do seu inesgotável ser, rompendo em terribilidade terrível de Luz incriada, em seu *ser-se* o Ser o Eterno Sol...!

Silêncio...! Silêncio...! Silêncio...!

Finura indizível...!

Estou contemplando a Divindade rompendo em Paternidade gerando, envolto nas dobras eternas do seu virginal ser...!

Ó, que silêncio na minha alma...!, ali, onde Deus...!, vivendo e bebendo daquela Virgindade eterna...!, saciando-me nas suas inesgotáveis fontes, e como saturando-me de Divindade...!

Ó que silêncio...!, que mistério...!, que segredo...!, que fundura...!

Silêncio...! Que bem se está em silêncio, apercebendo o concerto da geração divina no abraço coeterno do Espírito Santo!

Ó geração eterna do Eterno Sol...!

Ó...!, como o vejo...! Como o vejo...!

Está procedendo...!, surgindo...! o Eterno *Oriens*, no mesmo seio do Eterno Sol.

Ó...!, O sempre Novo...!, O Eterno Deus!, o que sendo sempre o Eterno Sol, sempre é novo pelo seu *ser-se* sempre o Renovo eterno do Gerador...!

Ó que grande mistério...! Silêncio...! Silêncio...!

Silêncio de adoração!, que está o Pai pronunciando a sua Palavra incriada naquele ponto secreto da geração do Verbo...!

Ó que fino é Deus no seu ser, rompendo em Três...!

Ó como vejo-o na sua atividade trinitária..., na sua geração eterna..., na sua paternidade virginal..., no seu gerar recatado..., em seu *ser-se*, Aquele que *se É*, a majestade soberana de gozo indizível em suavidade sonora...!

Silêncio...! Silêncio...! Silêncio...!

Obrigada, Senhor...! Obrigada, Senhor...! Obrigada, Senhor...!

Eu hoje, anonadada, trêmula e assustada, ao compreender o que vi e ouvi, respondo adorante num silêncio de adoração profunda, anonadada e reverente...

E, ultrapassada, tremendo de amor e respeito, volvida para Ti, clamo: Obrigada, Senhor, mas eu não sou digna...!»».

20-3-1975

SE VOLTASSE A OLHAR-TE

Se te visse, Senhor,
ainda que fosse um momento!,
e saciasses a minha sede na luz infinita
do teu eterno Mistério...

Se cantasse em teu Canto,
e te amasse em teu Fogo
sem os véus que ocultam o olhar transparente
de teus olhos serenos...

Se te visse outra vez,
recobrando de novo
fortaleza que impregne minha vida
para estar em desterro...

Um instante sequer,
que calmasse minhas brasas em zelos...!
Um instante, Senhor,
pois, sem Ti, mais não posso...!

Eu não busco viver nem morrer,
só quero olhar-te sem véus
na luz da tua glória ou na densa treva
que envolve este solo!

Se voltasse a olhar-te, meu Deus,
ainda que fosse um instante sem véus...!

5-3-1973

VAGO FERIDA

Vago ferida na vida,
no meu longo esperar, sem achar-te;
sem achar-te nos sóis que busco
na minha noite, ao buscar-te.

Vago ferida na vida,
com punções sangrentas,
com cautérios profundos
na minha sede ofegante.

Eu não sei o que tenho, em meu ser,
de tortura implacável,
ao buscar teu infinito fulgor
em teu ser chamejante.

Eu não sei o que será, meu Senhor,
Tu o sabes!

Conclusão da Coleção «Luz na noite - O mistério da fé dado em sabedoria amorosa» sobre o que mais veementemente senti-me impulsada a manifestar, sob a moção e a força do Espírito Santo, com relação ao dogma riquíssimo da Santa Mãe Igreja, expressado em sabedoria amorosa.

Já que Deus é um ato infinito e coeterno de sabedoria e amor, e, como é, quer ser conhecido e manifestado enviando-me a proclamar quanto, para que o manifeste, comunicou-me com o mandato de:

«Vai e dize-o...!»; «Isto é para todos...!».

Eu só sou Igreja Católica e Apostólica, que, cimentada na Sé de Pedro e sob a Sé de Pedro e em adesão incondicional aos demais Sucessores dos Apóstolos que, unidos a ele, são as Colunas da Igreja; sentindo-me mais Igreja que alma, experimento-me «o Eco» diminuto e palpitante da Santa Mãe Igreja; e preciso expressar, desde a pequenez, pobreza, ruindade e miséria do meu nada, quanto, apoiada no peito de Jesus, como o apóstolo São João na Última Ceia, aprendi, em sabedoria amorosa, sobre o mistério de Deus, de Cristo, de Maria e da Igreja, repleta e saturada de Divindade, para que o manifeste.

Já que «quem se apóia no peito de Cristo, faz-se pregador do divino»¹.

E na minha sede insaciável de dar glória a Deus e vida às almas, busco incansavelmente ser vontade de Deus cumprida, realizando a missão que, desde o seio e no seio da Santa Mãe Igreja, por ser a última e a menor das filhas desta Santa Mãe, Deus me encomendou.

Sou «o Eco» da Igreja, e a Igreja é minha canção.

Trinidad de la Santa Madre Iglesia

¹ Evágrio Pôntico.

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia

Coleção
Luz na noite
O mistério da fé
dado em sabedoria amorosa

N^o 17



Ediciones La Obra de la Iglesia

ISBN 978-84-612-4187-3



9 788461 241873